O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 5 DE JANEIRO DE 1889

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 15 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:757

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—REFORMAS.—COMPARAÇÕES.—INFANTERIA 2 EM OVAR.—DISCURSO DA CORÔA.—NOTICIARIO.—CARTA DE LISBOA.—SECÇÃO AGRICOLA: OIDIUM, *por Antonio M. Borges d'Araujo*.—SECÇÃO LITTERARIA: A NOITE DE NATAL, *por Domingos Guimarães*; A ARVORE DO NATAL, *por T. Dostoiewski*; A ORAÇÃO UNIVERSAL, *por Camillo Flammarion*; PEPITA, *por Zuleicka*; QUASIMODO, *por Joseph Moutet*.—PARTE OFFICIAL.—FOLHETIM, IVANHOÉ OU O REGRESSO DO CRUZADO.—SESSÕES PARLAMENTARES.—CORREIO DE LISBOA.

AVEIRO

REFORMAS

O governo enunciou o proposito de modificar a lei eleitoral. E' preciso acabar com as eleições por accumulação, e bem assim libertar as corporações administrativas da tutella politica, que as inutilisa. E desde o momento em que esta entidade tem de intervir na escolha dos pares electivos, transformaram-se em chacella politica, que foi erro imperdoavel.

Cessando a eleição d'accumulação, teremos como consequencia necessaria o alargamento dos circulos plurinominaes. O ensaio até aqui limitado ás cidades de districto, vae estender-se a todas as circumscripções. Fica d'este modo salva a representação das minorias, e por tanto respeitados os direitos da opposição, qualquer que ella seja.

Se, so actualmente o partido progressista é governo, póde ámanhã ser opposição, e por tanto os esplendores da grandeza, não devem fascinal-o a ponto de não dar garantias aos outros, porque seria uma arma de dois gumes, em que fatalmente havia de ferir-se. Assim as accumulações, que foram um simples ensaio, cujo alcance neutralisou os effeitos que todos esperavam, desagradaram, porque pozeram em evidencia que á sombra do [illegible] se poderiam praticar innumeras irregularidades.

D'aqui a condemnação d'aquella innovação, que póde ser muito liberal, mas que se desprestigiou, a ponto de ser geralmente condemnada.

Quanto ao alargamento das circumscripções plurinominaes, traz a medida enormes vantagens, não sendo pequena a que resulta de não se tornar punica a guerra nas localidades. Estas luctas quasi a pulso deixam vestigios as mais das vezes imperecedouros. E d'aqui o mal-estar, as intrigas, os assomos bravos, a objurgação facciosa, que nem honram o tempo em que vivemos, nem fazem a apologia da liberdade.

Bem bastam as paixõesitas ruins, a extravasação da bilis, resultante das [illegible] locaes, que se transformam ás vezes em guerra de intransigencias. Para entreter os ociosos, os que vivem vida de intrigas e de dizer mal do proximo, temos que farte no acanhadissimo espaço em que gravitam os impacientes, os que calumniam e reincidem, porque não estão para se dar ao trabalho de estudar os assumptos antes de os discutirem. E como é mais facil dizer mal, que fazer a apologia do que é bom e util, em resultado, a avaliar os homens e as cousas pelo que dizem os Clarimundos [illegible], teriamos em vez de cidadãos [illegible], uns sujeitos de instinctos [illegible] como quem os inventou.

Estas razões vém de molde para [illegible] o alargamento do principio da representação das minorias. [illegible], porque só da concorrencia d'estes dois factores poderão provir beneficios valiosos á administração e aos administrados.

Porque dispomos hoje de pouco tempo para nos embrenharmos em considerações de maior folego, reservamos o muito que temos a dizer para quando o governo submetter ao corpo legislativo a sumula dos seus trabalhos.

COMPARAÇÕES

Um diplomata, conta o *Jornal do Commercio*, ao ver enunciado pelo governo o estado prospero da nossa administração, exclamou:—*Tudo isto me faz chorar!* E com razão. O tal diplomata era de certo francez, e ao comparar Portugal com a sua nação, que [illegible] apprehensões lhe saltearam o [illegible] ao proferir aquellas palavras.

[illegible] o ninho seu paterno, a lucta [illegible], que nem sequer permitte [illegible] do patriotismo acrisolado. [illegible] a Europa receoso espreita [illegible] movimentos suspeitos da França [illegible], as dissenções intestinas [illegible] periclitante a situação, que [illegible] menos dia tombará ao impulso [illegible] aventureiro audacioso [illegible] que arraste apoz si as ambições [illegible] dos que procuram sugar [illegible] não lhes importando se será á [illegible] da ruina da patria.

[illegible] comparando a sua França idolatrada com Portugal, senão prospero, [illegible] acommodado, dedicando-se [illegible] labores da civilisação que aos europeis da politica faccioza, proferiu aquellas sentidas palavras, que exprimem bem o desalento que se havia apoderado da sua alma. «Como tudo isto me faz chorar!»

E na verdade o estrangeiro tem razão. As alegrias dos outros são tristezas para os que soffrem, para os que, além da nostalgia que produz a saudade, vê como que prestes a desabar todo um mundo de illusões. Lá a republica agonisa entre duas oppostas correntes. Os intransigentes e os opportunistas maquinam, e é para todos elles como que o spectro de Banquo o famoso general Boulanger, o heroe do dia, cuja eleição lhe deu mais tom, que os seus famosos discursos sobre a revisão constitucional, e que o seu duello não menos famoso com Goblet.

E eis porque ao estrangeiro dava vontade de chorar, ao comparar as desgraças da grande nação a que pertence, com o estado relativamente prospero de Portugal, onde os partidos combatem, com menos acrimonia, embora haja ambições, e tenhamos no sr. Arroyo uma especie de Rochfort de meia tigella.

INFANTERIA 2 EM OVAR

O governo mandou declarar á Commissão Executiva da Junta Geral d'este districto que, visto a camara municipal do concelho de Ovar se offerecer a aquartellar provisoriamente n'aquella villa o regimento de infanteria n.° 2 que lhe foi destinado, estava prejudicado o seu pedido de aquartellamento provisorio em Aveiro. Esta resolução está de inteira harmonia com os termos da representação da Commissão Districtal, e é mais uma garantia de que a ultima distribuição territorial dos corpos do exercito não é uma simples promessa, e de que o nobre ministro da guerra está firmemente resolvido a tornar dentro em breve uma realidade o beneficio principio do recrutamento regional. O intuito da Commissão Districtal fôra provocar uma resolução prompta do governo, deslocando já da capital, como estava decretado, o regimento de infanteria 2, a fim de que qualquer demora na construcção do quartel definitivo não levantasse difficuldades a essa deslocação. Portanto, desde que o governo não aguarda essa construcção, e se resolve a acceitar o patriotico offerecimento da camara de Ovar, nós só temos de applaudir enthusiasticamente essa resolução, de louvar o zelo, energia e dedicação d'aquella benemerita corporação administrativa, e de felicitar sinceramente a importante e laboriosa villa de Ovar por tão merecido melhoramento.

As palavras do sr. ministro da guerra na reunião da maioria parlamentar confirmam plenamente o que dizemos, e não deixam duvida alguma sobre a realisação immediata d'essa medida, de tão largo alcance politico e recrutamental para o nosso districto.

Os que tão mal tem dito da ultima lei do recrutamento não contestarão de certo, ao menos, as evidentes vantagens que advêm aos povos e ao exercito do recrutamento regional. Elle ahi está estabelecido no nosso paiz, em cumprimento das disposições expressas d'aquella lei.

DISCURSO DA CORÔA

Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza:—Abrindo a sessão legislativa d'este anno, cumpro um dever, que me é sobremaneira grato, porque de novo me vejo cercado dos representantes da nação, á qual a minha dynastia e eu devemos acrisoladas provas de dedicação e affecto. Com elles me proponho continuar a cooperar, no desempenho da minha missão constitucional, para o desenvolvimento da prosperidade e grandeza da nossa querida patria.

Continuam sendo cordiaes as nossas relações com as potencias estrangeiras. Dos bons sentimentos amigaveis, e da consideração, que lhes merecemos, por diversos modos manifestados, tive tambem testemunho directo nas demonstrações de respeito e affectuosa sympathia, com que eu, Sua Magestade a Rainha, minha augusta esposa, e o Serenissimo Senhor Infante D. Affonso, meu prezado filho, fomos recebidos nas differentes côrtes e paizes que visitamos no anno findo. Chamados a uma festa de familia, que intimamente nos interessava, e levado eu tambem a procurar n'uma viagem melhoras para a minha então enfraquecida saude, em toda a parte encontramos, nas populações e nos agentes dos poderes officiaes, um acolhimento, que, se muito nos lisongeava como individuos, não menos nos satisfazia como portuguezes.

Durante esse tempo, exerceu as funcções de Regente do reino, nos termos da lei fundamental do Estado, Sua Alteza Real o Principe D. Carlos, meu muito presado filho. Renovo aqui os louvores, que já lhe dispensei, pelo tino e acerto com que Sua Alteza Real se desempenhou d'essas funcções, e que são seguro titulo para a confiança do paiz.

No intervallo da sessão parlamentar, deram-se em algumas das nossas possessões ultramarinas acontecimentos de importancia. Realisou-se a occupação definitiva da região de Ambrizete e Quicembo, tão necessaria para a consolidação do nosso dominio e regularisação do movimento commercial na provincia de Angola; completou-se a installação do novo districto do Congo; e levou-se a bom termo a repressão dos rebeldes da Zambezia. Tambem se inaugurou o primeiro troço do caminho de ferro de Ambaca, inicio de uma era nova para a provincia, e que deverá ser seguido em breve do caminho de ferro de Mossamedes, para cuja construcção o meu governo procura desde já habilitar-se com os estudos necessarios. Procede-se com o mesmo empenho aos estudos do caminho de ferro do Zambeze; e trata-se egualmente do acabamento da linha ferrea de Lourenço Marques até á fronteira, continuando a diligenciar-se a resolução de algumas difficuldades, que até agora se tem opposto á boa exploração d'esta linha, e do seu natural prolongamento. Com estas e outras providencias, que o meu governo vos proporá, é de esperar um rapido desenvolvimento de riquezas nas provincias ultramarinas, como já satisfactoriamente se annuncia.

Accedendo ao convite de duas grandes potencias amigas, e ás razões de ordem superior que o fundamentavam, foi decretado o bloqueio de uma parte da costa das nossas possessões orientaes em Africa, desde a foz do rio Rovuma até á bahia de Pemba. E ainda pelos mesmos motivos se estabeleceram algumas providencias restrictivas do commercio de armas na provincia de Moçambique.

Usando da auctorisação, que lhe havia sido concedida, o meu governo realisou operações financeiras necessarias para a conversão das obrigações do Estado e emprestimo destinado a indemnisar as fabricas de tabacos. Examinareis, como vos cumpre, os termos em que se effectuaram essas operações, cujo exito constitue mais uma affirmação da solidez do credito publico.

As fluctuações dos preços dos cereaes nos grandes centros productores determinaram varios actos governativos, tanto no sentido de modificar os direitos de importação, como no intuito de prover ao regular abastecimento do mercado. Os factos occorridos, e os estudos feitos, de novo devem chamar a vossa attenção sobre este assumpto, que muito interessa á classe productora e aos consumidores.

Em cumprimento da lei de 12 de setembro de 1887, foi decretado o recrutamento regional para a arma de infanteria em todo o reino. Com isto, e com algumas modificações n'essa lei, nos pontos em que a pratica tem mostrado a conveniencia da sua alteração, devem desapparecer os principaes attrictos, que no espirito das populações ruraes encontram as obrigações indeclinaveis do serviço militar.

Da passada sessão legislativa ha pendentes algumas propostas e projectos de lei importantes, que reclamam a vossa attenção e exame. Outras propostas de lei vos serão apresentadas pelo meu governo, que solicitam igualmente o vosso estudo e discussão. Reforma da lei eleitoral da camara dos senhores deputados, tendente a corrigir algumas imperfeições da lei existente; modificações na lei do recrutamento militar; reforma do processo commercial; reforma dos serviços medicos-legaes; aposentação dos parochos; modificação da lei de decima de juros, suavisando a taxa e a fórma de pagamento d'este imposto; reforma do regimen fiscal do commercio de cereaes; providencias para auxiliar os bancos portuguezes na resolução das difficuldades, que lhes resultam da construcção dos caminhos de ferro da fronteira a Salamanca; augmento da nossa marinha de guerra, e consequente alargamento dos quadros da armada; reforma do codigo de justiça militar, da administração militar, e da instrucção nas differentes armas do exercito; providencias para melhoria das industrias, fomento da agricultura e abertura de mercados para os seus productos:—assumptos são estes, que o meu governo submetterá ao vosso exame, desenvolvidos nas respectivas propostas de lei, e que, com as propostas e projectos já pendentes, occuparão proveitosamente o vosso estudo durante a sessão legislativa d'este anno. A vossa sabedoria e solicitude pelo bem publico poderão assim pôr termo brilhante e fecundo á corrente legislativa.

Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza:—No meio dos sobresaltos, que trazem inquietas uma parte das nações da Europa, deve ser para todos nós motivo de intimo regosijo a tranquillidade profunda, de que tem gosado o nosso paiz. O estado relativamente prospero das nossas finanças, que dispensa novos appellos ao contribuinte, o desenvolvimento presente da riqueza nacional, e a firmeza do credito publico, serão alavancas seguras de maiores prosperidades, quando lhes não falte o indispensavel apoio da paz e da ordem. De sobejo me é conhecido o vosso patriotismo; e com elle conto, e conta o paiz, para proseguirmos na conquista dos progressos, que são requeridos pelas nossas tradições historicas e pelas legitimas aspirações nacionaes.

Está aberta a sessão.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Esteve ha dias incommodado, com uma leve bronchite, o nosso presado e venerando chefe sr. conselheiro Manuel Firmino. S. ex.ª acha-se, porém, quasi completamente restabelecido, o que é motivo de prazer para os seus amigos e admiradores.

— Tencionam partir na segunda-feira de tarde para Lisboa os nossos amigos os srs. dr. Francisco de Castro Mattoso da Silva Corte Real, e dr. José Maria Barbosa de Magalhães, illustres deputados da nação.

— Partem ámanhã para Lisboa, no *Rapido*, os nossos illustrados amigos os srs. dr. Francisco da Graça Mattoso da Silva Côrte-Real, digno delegado do procurador regio n'uma das varas da capital, e dr. Fernando de Castro Mattoso, digno sub-delegado d'outra vara da mesma comarca.

— Estiveram na Oliveirinha de visita ao sr. deputado Castro Mattoso, os srs. drs. Bernardo d'Albuquerque, Chaves e Assis Teixeira.

— Esteve na quarta-feira em Aveiro o nosso respeitavel amigo e sollicito presidente da camara municipal do concelho de Ovar, o sr. dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa.

— Partiu para a sua casa de Silva Escura, concelho de Sever do Vouga, o nosso illustrado amigo, e muito digno agente do ministerio publico junto do tribunal administrativo d'este districto, o sr. dr. Joaquim Pereira da Silva Amorim, com sua ex.ma familia.

— Estiveram na quinta-feira em Aveiro os nossos respeitaveis amigos, os srs. dr. Vicente de Souza Mello, distincto medico partidista de Albergaria a Velha, e dr. Joaquim Augusto d'Almeida Miranda muito digno sub-delegado do procurador regio d'aquelle julgado municipal.

— Foi a Lisboa o nosso bom amigo e dignissimo director telegrapho-postal d'este districto, o sr. commendador Joaquim José dos Prazeres.

— Esteve hontem em Aveiro o nosso illustre amigo e digno administrador do concelho de Albergaria a Velha, o sr. dr. Manuel Luiz Ferreira Junior.

— Estão hoje em Aveiro os nossos illustrados amigos os srs. Luiz Ruivo de Figueiredo, abastado proprietario de Tamengos, e dr. Antonio José da Silva Poiares, distincto advogado em Coimbra.

— Esteve em Aveiro de visita a sua familia o sr. João Theophilo da Costa e Goes, engenheiro ao serviço da direcção das obras publicas de Coimbra.

— Está quasi em perfeito estado de saude o filhinho do nosso bom amigo sr. dr. Pereira da Cruz, uma das mais illustradas distincções medicas do nosso districto e um dos nossos mais queridos e dedicados amigos. Os nossos parabens aos desvelados paes da sympathica creancinha, a quem desejamos o mais completo e duradoiro restabelecimento.

— Fez annos ha dias o filhinho *mais velho do nosso collega e amigo* sr. dr. Barbosa de Magalhães. Os nossos parabens mais sinceros.

Enlace.—Consorciou-se na quarta-feira em Ilhavo o nosso presado amigo e dignissimo segundo official do governo civil d'este districto, o sr. dr. Manuel Maria da Rocha Madail com a ex.ma sr.ª D. Chrisanta da Conceição Gomes, uma das mais gentis meninas d'aquella villa. Que um futuro desanuviado e feliz seja o seu, é o que do coração lhes desejamos, pois d'elle são dignos. O dr. Madail que, na phrase insuspeita e merecidissima do fallecido governador civil Mendes Leite, era a perola dos empregados, ha de ser de certo tambem o melhor dos maridos—taes e tantas são as suas nobilissimas qualidades. Aos noivos os nossos parabens.

Rectificação.—Do nosso illustrado amigo e digno delegado do procurador regio n'esta comarca recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos, e com a qual fica feita a rectificação pedida:

...*Sr. redactor.*—Vendo reproduzida em differentes jornaes a noticia, dada no seu, de ter eu requerido a minha transferencia d'esta para a comarca da Figueira da Foz; certo do que deseja informar, e ser informado com a verdade, devo dizer-lhe que não requeri. Como a noticia se refere a um acto da minha iniciativa, desejo a publicação d'estas linhas para que n'essa parte fique rectificada, com o que lhe ficará muito grato o

De v. etc.

Alberto José da Silva de Souza Leitão.

Fallecimento.—Falleceu em Lisboa depois d'um longo padecimento, o sr. Antonio Tavares d'Albuquerque, respeitavel cavalheiro, empregado aposentado da alfandega, e sogro do nosso illustrado amigo o sr. Francisco Xavier d'Eça Leal, dignissimo inspector dirigindo a repartição de fazenda d'este districto, e primoroso escriptor publico. Damos a todos os seus os nossos sentidos pezames.

Camara municipal.—Na sua primeira sessão d'este anno a camara municipal d'este concelho reelegeu para seu presidente o sr. conselheiro Manuel Firmino d'Almeida Maia; e para vice-presidente, logar vago pelo fallecimento do nosso chorado amigo José dos Santos Gamellas, ficou eleito o sr. Antonio Vieira dos Santos, que, na qualidade de vereador mais velho, tem exercido esse logar com muita circumspecção, e a que por tanto os seus collegas quizeram dar esta prova de deferencia.

O quartel de D. Carlos.—Um jornal opposicionista de Vizeu, decerto fazendo-se echo das balelas dos trapaceiros incorrigiveis d'aqui, levanta aos Ceus estrepitosos clamores, porque o novo quartel de cavallaria 10 está ameaçando ruina, e pede até a prompta retirada do regimento ou parte d'elle, talvez para... a cava do Viriato!! E' o que fazem os falsos patriotas com o seu facciosismo descabelado. Pois saiba o collega que «d'um argueiro fez um cavalleiro», pois apenas ali, por effeito do rigor do inverno, fendeu ligeiramente a parede d'uma cavallariça, que não faz parte do corpo do edificio, e por tão pouco não valia a pena atirar pedradas a quem está muito acima das insinuações velhacas de noticiaristas desastrados e pouco polidos. N'essas insinuações ha, demais a mais, ou supina ignorancia, ou refinada má fé. A administração da obra nada tem com a sua direcção technica. Ora esta direcção esteve sempre, durante a administração da camara municipal, confiada, a um dos mais distinctos e honestos membros da engenheria portugueza, o sr. Araujo e Silva, auctor do respectivo projecto, e que é hoje director das obras publicas no districto do Porto, e ainda sob a inspecção d'um dos membros mais illustrados, respeitados e dignos da engenheria militar, o sr. Gouveia Osorio, cujas qualidades respeitaveis Vizeu conhece bem. E ha muitos mezes já que, a pedido da camara, a administração da obra passou para o estado, e que a sua direcção technica, pela ausencia do sr. Araujo e Silva, foi incumbida ao habil engenheiro militar, o sr. Cerveira d'Albuquerque, cujos creditos estão muito superiores ás criticas calumniosas dos malsins da imprensa.

Reunião.—Reuniram na quarta-feira no edificio do correio todo o pessoal da Direcção e estação telegrapho-postal d'esta cidade, a fim de resolver qual a attitude a tomar durante a presente sessão parlamentar sobre a importante questão do augmento de vencimentos. Houve larga discussão sobre o assumpto, e nomeou-se uma commissão, composta dos dignos empregados, os srs. Albino José dos Santos, Fernando de Vilhena, Ernesto Levy, Ayres Braga e Martins Graça, a qual procurou o nosso directo collega e illustre deputado por Ovar, dr. Barbosa de Magalhães, pedindo-lhe que se digne apresentar na Camara a representação em que se pede a melhoria de situação d'esses empregados. Aquelle nosso distincto amigo recebeu a commissão com a affabilidade propria do seu caracter lhano, e prometteu prestar-lhe todo o seu valioso appoio em tão justa causa.

Commissão de recenseamento eleitoral.—E' na segunda-feira a reunião da assembleia dos quarenta maiores contribuintes d'este concelho para a eleição da commissão do recenseamento eleitoral que ha de funccionar no anno que vem. Preside ao acto o sr. conselheiro Manuel Firmino, como digno presidente da camara municipal. A assembleia constituida, na sua grande maioria, de dedicados membros do partido progressista.

Commissão de recrutamento militar.—Installou-se na quinta-feira, nos [illegible] do concelho, a nova commissão [illegible] recrutamento militar, composta do sr. conselheiro Manuel Firmino, presidente, [illegible] Miguel Ferreira d'Araujo Soares, [illegible] Antonio Euzebio Pereira, João Bernardo Ribeiro Junior, Antonio Ferreira Fe[illegible].

Tuna Aveirense.—Consta-nos que os estudantes de Aveiro pediram já ao digno tenente snr. Ferreira, habilissimo musico amador, para os ensaiar e reger, pois tencionam constituir uma *tuna* á semilhança dos seus collegas de Coimbra e Compostella. E' muito para honrar a sua lembrança, que achamos acertada. Oxalá prosigam na boa tenção de se furtarem assim a outros divertimentos menos proveitosos, e por este modo se tornem dignos dos louvores de todos. E'-nos sempre agradavel fallar com elogio das classes que se sabem dirigir com acerto e conduzir com [illegible], e a academica póde merecer-nos esta consideração.

Confraria do Senhor do Bemdito.—Esta irmandade, devido ao zelo das suas ultimas direcções, está muito prospera e já seus muitos utensilios do culto muito aceio, tendo adquirido [illegible] mente uma excellente [illegible] lha dourada, que se estreiou no dia d'Anno Bom, na sua brilhante festa. Tambem acaba de comprar por um preço excessivamente modico uma porção de rica tela, em setim branco bordado a ouro e prata, de um aprimorado bom gosto, para paramentos e alfaias, que vae mandar fazer, depois que receber de Sua Santidade o paramento que lhe está promettido, e que deve chegar de Roma brevemente. Louvamos os exforços que os dignos mesarios da popular confraria do Senhor Jesus do Bemdito envidam para fazer as suas solemnidades com o explendor devido, no que provam que é o amor intenso da religião que os anima em seu fervoroso enthusiasmo.

Entrega do Senhor Jesus.—Verifica-se ámanhã no templo da Gloria a festividade em honra do Senhor Jesus Cruxificado, que ali se venera no seu respectivo altar, que estará brilhantemente decorado. A festa de igreja constará de exposição, missa solemne, e sermão. Em seguida sáem os ramos para serem entregues ás portas dos novos mordomos, segundo o ceremonial do estylo, e com as manifestações de ruidosa alegria propria d'estas festas originaes da nossa terra.

A Epiphania.—E' ámanhã que a Egreja reza dos Santos Reis Magos, que a tradição popular conserva ainda em seus poeticos cantares. Armam-se presepios em que os tres Reis montados nos seus ginetes de barro, descem a montanha de cortiça, onde pastores e moinhos se veem tambem, no segundo plano, em quanto no primeiro se representa a scena de Belem. E nas ruas e rapazio canta alegremente os *Reis*, ás portas das casas, tangendo toda a casta de instrumento, para ver se apanha os figos, castanhas, nozes ou dinheiro, aliás salta o estribilho da cantiga final:

«Esta casa cheira a unto,
aqui móra algum defunto!»

Semana Sancta.—A mordomia do Santissimo da Vera-Cruz já reuniu e deliberou fazer com pompa todas as festas da Semana Sancta, menos trevas, como no anno passado, em consequencia do templo se não prestar a isso, e com prégadores afamados. Escolheu tambem a excellente phylarmonica *Aveirense* para assistir a todas as solemnidades.

Uma gracinha do «Illustrado».—Diz elle:

«A ria de Aveiro desacredita-se como a politica progressista do respectivo districto.

Vem isto a proposito do *Campeão das Provincias* noticiar que não ha este anno berbigão!

Já não havia ostras e o mexilhão é raro!»

Tantas impertinencias em tão poucas palavras só o pequeno collega é capaz de saber alinhavar.

Viação municipal.—A camara municipal d'este concelho deliberou na sua ultima sessão representar ao governo para que seja incluida no plano da viação municipal uma estrada de 3.ª ordem que, partindo da estrada real n.° 41, no sitio onde chamam o Olho de Agua, siga pelo Véro, Paço, Povoa, até Villarinho, na freguezia de Cacia.

Anniversario.—Consta-nos que a benemerita companhia [illegible] bombeiros voluntarios d'[illegible] tenciona festejar no di[illegible] o sexto anniversar[illegible] Daremos circ[illegible] festival [illegible]

Real companhia vinicola do norte.—Em sessão d'hoje a Commissão Districtal delegada da Junta Geral de Aveiro, deliberou agradecer, em nome d'este districto, aos srs. presidente do conselho de ministros e ministro das obras publicas a celebração do contracto de 5 de dezembro com a Real companhia vinicola do norte de Portugal, e representar ás camaras legislativas pedindo a approvação d'esse contracto, que melhora a situação dos viticultores, e alarga o commercio de exportação de vinhos.

A «Soberania do Povo».—Com o seu n.° de quinta-feira proxima passada entrou no seu 11.° anniversario este nosso apreciavel collega de Agueda, um dos mais acerrimos defensores dos direitos e da causa popular, e um dos mais bem redigidos jornaes de provincia.

Felicitamol-o, pois, fazendo ardentissimos votos por que por bem largos e felizes annos prolongue a sua existencia.

Principios de incendio.—Ha dias a policia preveniu n'uma casa da rua de José Estevam, em que de noite havia fumo demasiado, que ia asfixiando os habitantes, conseguindo apagar o fogo que se manifestára na cosinha.

Na quinta-feira de manhã deram as torres o signal de incendio, que se ateára na chaminé da casa do sr. João Henriques, habil e honrado fogueteiro no Espirito Santo. Os soccorros foram promptos, não chegando a trabalhar o corpo de bombeiros, que compareceu rapido. Ainda bem.

Feira de Março.—Principiaram já os trabalhos preparatorios de construcção do abarracamento d'esta feira, no Rocio d'esta cidade, que, como já dissemos, é feito por um novo systema.

O «Alfinete».—Com este titulo vae publicar-se em Oliveira de Azemeis um jornal humoristico de caricaturas. Promette ser interessante e caustico. Bem vindo seja.

Mais uma desgraça em Paiva.—No dia 1.° do corrente no sitio do Seixal, da freguezia de Sardoura, andando á caça Manuel de Souza Ganço, do logar de Fornos, ao saltar uma parede, cahiu com tanta infelicidade, que, quebrando-se a coronha da espingarda, de dois canos, que trazia, a arma disparou-se, indo a carga empregar-se no baixo ventre do infeliz, fazendo-lhe dous grandes rombos. O ferido, gritando por soccorro, pôde ainda declarar ás pessoas que accudiram que não culpassem ninguem. A morte não tardou a dar allivio ao infeliz, que se torcia [illegible] cruciantes, pois o [illegible] desfeito os intestin[illegible] za era solteir[illegible] sympathias [illegible] balhador, [illegible] da alven[illegible] de Sá[illegible] des[illegible]

Testamento. — O do sr. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa, bispo resignatario de Braga, é o seguinte:

«Declaro que não tenho herdeiros necessarios ascendentes ou descendentes, e por isso logo que falleça quero que o meu corpo seja envolto em as minhas vestes pontificaes e estas de linho branco, e com todos os mais preparos do costume, e depois meu corpo será conduzido para a capella do cemiterio de Cantanhede, districto de Coimbra, e ahi conservado até se lhe dar o competente destino; e quero que por minha alma se digam 200 missas, mais 50 por alma de meus paes e de meus irmãos, e outras 50 por todos os meus amigos e bemfeitores, e mais um trintanario de missas, cada uma d'estas da esmola de 1$500 e ditas pelo rev.º frei Francisco, egresso mariano, morador na freguezia de S. Victor, da cidade de Braga.

Declaro eu testador que não tendo herdeiros necessarios, como já disse, por isso instituo por minha unica e universal herdeira a irmandade da Misericordia da villa de Cantanhede, com a obrigação de me mandar fazer o meu enterro e bens de alma acima declarados, e de satisfazer por uma só vez os seguintes legados: com a obrigação da dita irmandade, minha herdeira, mandar fundar um hospital para pobres, e de estabelecer uma cadeira de grammatica latina e franceza, e de dar uma pensão annual de 150$000 reis a cada uma de minhas irmãs D. Maria José e D. Florencia, e de dar a cada um de meus sobrinhos José, Antonio, João e Maria, filhos de meu irmão José, uma pensão annual de 60$000 reis a cada um dos quatro.

Deixo o usofructo da minha quinta de Santa Monica, suburbios de Coimbra, a minha irmã D. Maria José.

Deixo a minha sobrinha D. Maria a propriedade do praso de Anabá, sito em Cantanhede.

Deixo á cathedral da Sé de Braga o meu calix de ouro com patena e colher do mesmo metal.

Deixo á … mitra primaz de Braga o meu estro de gala e mais outro abaixo de de gala.

Deixo ao rev.º cabido da Sé primaz de Braga uma collecção de Breviarios antigos bracarenses, assim como um missal, tambem antigo bracarense, sendo que tres d'estes livros estão em poder do calendarista rev.º Julio, da cidade de Braga.

Deixo ao rev.º deão da Sé primaz de Braga, D. Manuel Martins Alves Novaes, a minha caixa de ouro.

Deixo á camara municipal de Cantanhede toda a minha livraria, mas os meus manuscriptos, que estiverem encadernados, estes os deixo á bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Deixo a meu primo Carlos Pessoa da Silva, capitão de estado-maior e morador na cidade de Lisboa, toda a minha louça da India, que tiver as minhas armas, mais um cobertor da India com figuras chinezas, mais todas as moedas e medalhas antigas, quer de ouro, prata ou cobre que estiverem mettidas em uma sacca de chita e mais uma pequena caixa de papelão, e mais todos os meus manuscriptos avulsos e correspondencias particulares.

Declaro que em poder d'este meu primo existem a guardar 15:000$000 reis nominaes em inscripções de assentamento.

Deixo a este meu primo mais a minha … antiga de prata.

Deixo ao meu creado Manuel José … inscripções do valor no… $000 reis cada uma. … inscripção do valor … reis a José Maria … de Canta… Rebello, da … ção do …

Deixo o usofructo d'esta minha quinta de Cabanas, por tempo de tres annos, áquella minha irmã D. Maria José.

Declaro mais eu testador que deixo, por uma só vez, a cada um dos meus creados ou creadas, e aos creados e creadas d'aquellas duas minhas irmãs, 20$000 reis a cada um.

Por esta fórma hei por terminado este meu testamento, etc., etc.

Este testamento tem a data de 10 de dezembro, e foi feito pelo sr. Manuel Ferreira Alves, casado, agenciario, e foi approvado pelo sr. escrivão e tabellião João Marcos d'Araujo Ribeiro.

Transcripção. — E' da *Correspondencia de Coimbra* a seguinte noticia:

Como é já sabido, a *Estudantina* ou a *tuna* dos academicos de Coimbra vae a Santhiago de Compostella pagar a visita aos seus collegas d'ali, que o anno passado teve a amabilidade de visitar a academia de Coimbra. Tratam actualmente os estudantes de Santhiago de resolver a maneira de receber a *tuna* conimbricense. Os promenores que temos a este respeito são os seguintes: Em Santhiago de Compostella reuniram-se na redacção da *Gaceta de Galicia* mais de cem academicos, afim de accordar nos festejos que projectam realisar em honra dos seus camaradas de Coimbra. Foi adoptado o seguinte programma:

Os estudantes que pertencem á tuna compostellana de 1888 irão acompanhados da sua brilhante orchestra dirigida pelo sr. Curros, esperar os portuguezes no visinho porto de Carril. Na estação de Cornes, serão ambas as tunas recebidas pelas commissões para esse fim nomeadas e pelo elemento escolar. Achar-se-ha no mesmo local a musica de beneficencia e uma orchestra, e, á chegada do comboio, executarão o hymno real portuguez e o hymno dos academicos. Accordou-se em solicitar do sr. governador da praça e restantes auctoridades militares que cedam a força de cavallaria e infanteria para dar brilho ás festas da recepção.

Os tunos dirigir-se-hão para o theatro, onde serão pronunciados discursos de boas vindas, havendo tambem recitações de poesias. D'ali a estudantina seguirá para o hotel designado, onde, ao jantar, será obsequiada com uma brilhante serenata por um orpheon e uma orchestra.

No dia seguinte, pela manhã, commissões de academicos acompanharão os seus collegas de Coimbra na visita aos monumentos e aos pittorescos arredores da cidade. A' tarde passeio na Alameda. A' noite, o primeiro concerto no theatro principal. Ao outro dia, de manhã, os estudantes sairão em ripperts e omnibus para uma quinta dos arredores de Santhiago, onde lhes será servido um magnifico almoço. A' noite serão obsequiados os nossos hospedes pelas sociedades de recreio.

No dia 4, serão recebidos pela sociedade *Recreio Escolar*, e á noite haverá um baile em sua honra no theatro da rua Nueva.

Caso os nossos hospedes se demorem mais tempo, a commissão de festejos e o *Recreio Escolar* accordarão em novas diversões. Os academicos compostellanos fazem um appello aos habitantes de Santhiago, centros de recreio, corporações e imprensa, para que os secundem na recepção dos estudantes portuguezes.

As loterias em Hespanha. — São d'um jornal do reino visinho os seguintes curiosos apontamentos:

«Bernardo Ward, em tempo de Fernando VI, por encargo de el-rei, foi a diversos paizes da Europa estudar os meios de aperfeiçoar em Hespanha a industria, as artes e o commercio, assim como os recursos para remediar a pobreza do reino sem prejudicar o estado.

Durante essa excursão occorreu-lhe a idéa de lançar mão da loteria, … muito em moda fóra de Hespa… para soccorro da miseria, … beneficio do Estado. … Obra Pia—expõe as … justifi… como: … havido

já atrapalhado procura no collete, na casaca… mas acaba por chegar á conclusão triste, de que tambem se achava sem dinheiro!

Em resumo, nove dos convidados, durante a ceremonia religiosa tinham sido completamente limpos pelos gatunos com admiravel destreza.

Descoberta. — Cerca de Zara, capital da provincia da Dalmacia, Austria, foi descoberta uma cidade subterranea, onde se encontraram milhares de moedas do tempo de Diocleciano e epochas ainda mais remotas. Foram tambem descobertos rarissimos e curiosos despojos de esculptura romana e grega, e architectura bizantina; um amphitheatro, templos, estatuas, catacumbas, e outros mil objectos que accusam uma extrema civilisação e apurado gosto entre os habitantes d'esta nova Pompeia, sombra longiqua d'outras eras, outros costumes e outros homens…

O cholera.—2:000 victimas. — A Congregação de Propaganda em Roma acaba de receber dolorosas noticias do extremo Oriente; as ultimas accusavam dois mil mortos, victimas do cholera, nas Indias Orientaes. Os missionarios catholicos teem prestado optimos serviços, como enfermeiros.

No celeste Imperio. — O imperador da China attingiu ha pouco a edade em que se adquire no seu paiz o direito de gosar os prazeres do harem. As mais formosas jovens do imperio foram convidadas para irem ao palacio de Nay-Hai, em Pekin, para entrarem para o harem e mais de cento e cincoenta acceitaram o convite do soberano.

Depois de uma detida e séria inspecção a imperatriz mãe, zelando a vida de seu filho, escolheu para este seis jovens de primeira classe e vinte e quatro de segunda. O imperador conta apenas dezesete annos.

Costumes arabes. — Quando se casa uma mulher arabe, sua mãe dá-lhe os seguintes conselhos:

«Abandonas o lar onde nascestes para ires viver com um homem a cuja companhia não estás acostumada. Aconselho-te que sejas sua escrava se queres ser senhora absoluta do teu esposo. Contenta-te com pouco, procura alimental-o bem e vela-lhe o somno, porque a fome occasiona a ira e a insomnia provoca o mau humor. Sê muda para os seus segredos; não te mostres melancholica quando elle esteja alegre, nem alegre quando elle esteja triste e Alah te abençoará».

Virtudes therapeuticas do sal. — Na maioria dos casos vamos procurar longe, remedios que todos nós temos ao alcance da mão, que ha em todas as casas, e cujo uso apenas ignoramos.

Tomemos o sal, por exemplo, que todos temos em casa. Uma meia colher de sal dissolvida n'uma pouca d'agua fria, combate a dyspepsia. Tomado todas as manhãs, antes do almoço, e augmentando gradualmente a quantidade, o sal produz um excellente resultado no organismo, e não tem rival para a prisão do ventre.

Como gargarejo é excellente. Na dóse de duas a quatro colheres n'um copo de agua morna, opera tão promptamente como o emetico, e, no caso de envenenamento deve ser-lhe preferido.

E' ainda excellente contra as mordeduras d'animaes e as picadas dos insectos, e faz grandes serviços nas hemorrhagias dentarias.

Castigos infligidos antigamente ás mulheres. — Entre os castigos mais usados e não menos curiosos, que em França, na Allemanha e no norte da Europa se costumavam dar ás mulheres, era o da *pedra ao pescoço*, o qual ainda achamos usado em o seculo XVII. As calumniadoras, rixosas e intriguistas eram condemnadas a passearem pelas ruas mais publicas da cidade, levando uma pedra pendurada no pescoço. Se a falta punida era de maior gravidade, essas mulheres eram precedidas por uma trombeta e um pregoeiro, que publicava em voz alta o motivo d'aquella pena. Sempre se escolhiam para a execução da sentença os dias de mercado, ou de maior concorrencia nos logares publicos. Em tempos mais antigos, em logar de pedra, suspendiam-lhes ao pescoço um gato ou um gato vivo; porém depois era sempre uma pedra, cuja fórma differia segundo os paizes. Umas vezes tinha esta pedra esculpida a cabeça de uma mulher com a lingua de fóra, como … fatigado, e era esta a designa… das maldizentes e intrigantes; ou… vezes tinha as figuras de um cão e um gato brigando, para designar o castigo das rixosas e motoras de desordens; uma garrafa designava as que eram punidas por embriaguez. Na casa … audiencias de Bodissin, na Hun… …va-se ainda pendente da … d'estas pedras com as fi… mulheres agatanhando-… …uma inscripção que declara … pela ultima vez a 13 de outubro de 1673, por sentença contra … F., convencidas de amotinarem incessantemente a visinhança com suas rixas e desordens.

A «Escroquerie» no casamento. — O numero dos papalvos é tão grande que todos os *trucs* são bons para os explorar.

Um sujeito qualquer, achando-se sem dinheiro, teve a luminosa idéa de fundar no boulevard Saint-Marcel, em Paris, uma agencia de casamentos.

Annunciou pelas folhas da imprensa que havia uma rapariga com … 000$000 de dote, e uma senhora … centrada, é verdade, mas que possuia … somma de 84:600$000, que … contrahir os seguintes laços … … affluiram. … numero dos pretendentes … escolheu de preferencia os … que gosavam de alguma fortuna, … particularmente, na … mandou uma photo-

graphia … do ser da sua … Sabido p… grafia, o holl… o dinheiro que … seu trabalho. Dep… entrevista com o … foi mas a qual? o pobre hollandez … tarde comprehendeu o logro, e foi carpir a sua enorme desventura no seio da policia parisiense.

Sem dinheiro e sem mulher, é fortel…

O riso. — Um observador francez descobriu que o riso se divide em varias categorias.

Ha, diz elle, risos em A, em E, em I, em O, e em U, e em cada riso se revela o estado moral do individuo.

Riem em A, as pessoas francas e leaes, que gostam do bulicio e do movimento, e são ás vezes levianas e voluveis.

Os phleugmaticos e melancholicos riem em E.

Em I, riem as creanças, os timidos e irresolutos. Indica ingenuidade, affecto e caracter servical.

O riso em O é commum á generosidade e á ousadia.

E, em fim, riamos do riso em U, que é dos mizanthropos.

CARTA DE LISBOA

3 DE JANEIRO DE 1889.

Como estava determinado, abriu-se o parlamento, á uma hora da tarde do dia 2, lendo S. M. El-Rei o discurso da corôa. A ceremonia correu como de costume. Assistiu S. M. a Rainha e o infante D. Affonso. Estiveram na sala todo o ministerio, bastantes dignos pares do reino e quarenta e dois srs. deputados. A guarda de honra era feita pelo regimento de infanteria 16. No largo de S. Bento formava uma bateria de artilheria, que deu a salva do estylo. Pela calçada da Estrella formou o regimento de caçadores n.º 2. A' uma e meia terminou a ceremonia, saindo o cortejo na seguinte ordem: Dois coches em que iam os srs. camaristas, coche real levando SS. MM. e o sr. infante, regimento de lanceiros e cavallaria 4. A sessão foi muito concorrida, estando as galerias totalmente cheias. Assistiram os diplomatas da missão chineza. Pelas immediações do palacio das cortes, aglomerava-se bastante povo.

— Quando o coche em que iam Suas Magestades passava pela rua de S. Bento depois da abertura das côrtes, um homem saiu da multidão, dirigiu-se á portinhola e foi offerecer a Sua Magestade a rainha um annel de ouro com um M. Sendo detido, soube-se que se chama Antonio Pires Portuguez, que é guarda fiscal reformado e que de ha muito não está no completo uso das suas faculdades mentaes.

— Como era de esperar, appareceu o dono dos valores em letras e notas do banco, que um dos porteiros do Coliseu encontrou em um dos camarotes depois do espectaculo de domingo. O honrado porteiro foi recompensado com uma nota de 20$000 rs., que elle havia encontrado e que tão fielmente foi logo depositar na mão do emprezario do circo. Este, no dia immediato, depois da representação, fez reunir todo o pessoal subalterno e entregou a recompensa ao bem procedido empregado, dirigindo-lhe phrases de elogio, e chamando a attenção de todos os demais porteiros para o bello exemplo do seu collega.

— Foi encarregado da direcção da 2.ª circumscripção hydraulica o engenheiro de 1.ª classe Augusto Luciano Simões de Carvalho que accumulará esse serviço com o da direcção da construcção dos caminhos de ferro do Minho e Douro e com o dos estudos dos caminhos de ferro ao norte do Mondego.

— Aos concursos para o provimento de logares de juizes municipaes dos julgados d'Avia e Monforte não compareceu concorrente algum.

— Foram adjudicados ao sr. José da Cruz Folgado, os trabalhos de terraplenagens e obras d'arte a executar entre os perfis 1:180 e 1:294 do lanço da estrada real n.º 53, comprehendido entre Figueira de Castello Rodrigo e Barca d'Alva.

— A junta geral do districto de Lisboa não approvou o orçamento da camara municipal de Setubal por esta não ter inscripto a verba precisa para augmentar o corpo de policia, e creação de seis guardas ruraes. A camara, em vista d'esta resolução mandou suspender todas as obras que se achavam em construcção.

— O governo mandou contratar em Italia alguns praticos para a fabricação do azeite pelo systema … para que … empregados nas nossas conservas de peixe.

— Vae estabelecer-se um viveiro de videiras americanas no concelho de Bellas—5.ª região agronomica.

— O director da escola pratica de agricultura de Vizeu enviou á direcção geral d'agricultura uma porção de beterraba sacarina creada na quinta annexa áquella escola, bem como amostras da terra onde foram creadas, afim de serem analysadas no laboratorio de Santarem.

Y.

SECÇÃO AGRICOLA

OIDIUM

No intuito de combater varios vicios que existem nos trabalhos de enxofração, assim como, a titulo de curiosidade para os nossos leitores, vamos dar conta de alguns estudos que tem feito sobre a molestia de que hoje nos vamos occupar—o *oidium*.

Parece que esta molestia era já conhecida dos povos remotos, mas só no anno de 1845 é que ella se mostrou com caracter devastador n'algumas videiras de Inglaterra. Em França fez a sua apparição em 1848 e, a partir d'esse anno, principiou a alastrar com intensidade … tornando … no nosso paiz. No alto Douro e nas localidades … noite se estava … fogo a baixa, foi o … com o enxofre: nas … vinha se cultiva em … …sparam-se muito … descrença n'uns, a ignorancia n'outros e a economia de muitos … que foi a origem do … edade, e depois de importan… …se applicar o enxofre com … Especialmente no Minho … baixo Douro. Na epoca actual, apesar de ainda haver incredulos, todo o viticultor applica este agente ás *Videiras*, como verdadeiro antidoto contra esta affecção cryptogamica, causada por um cogumelo *Ascomycete* a que em botanica se dá o nome de *Erysiphe tuckeri*. Desenvolve-se este cogumelo sobre a epiderme, atacando os sarmentos, folhas e fructos e mesmo … diz M. A. du Breuil—deixo … de efflorescencias d'um branco cinzento, á principio sobre as folhas e gomos aonde suspende o desenvolvimento, depois sobre os cachos onde para o crescimento. A epiderme dos bagos endurece e toma um colorido fulvo: estes bagos fendem-se, adquirem um sabor amargo e corrompem-se afectando as sementes. As partes sarmentosas da *Videira* cobrem-se de manchas pardas, as folhas desprendem-se e, se a doença é intensa, os gomos desorganisam-se até á base; de sorte que, não só a colheita d'esse anno, mas tambem a do seguinte, ficam perdidas; e se as cepas forem submettidas durante tres annos seguidos a este flagello, seccam com grande facilidade. Poucas são as cepas que esta molestia poupa; comtudo em algumas variedades parece usar d'uma certa benignidade. Como é sabido, o remedio efficaz contra esta molestia é o enxofre, applicado sobre as partes verdes das plantas, em pó, muito fino.

A acção do enxofre—diz M. Rose Charmeux—é tanto mais efficaz quanto fôr applicado no principio da invasão, e mesmo antes da sua apparição, como meio preventivo. Aconselha M. du Breil dar a primeira enxofra quando os gomos da vinha attingem 0m,10 de comprimento; a segunda no momento que as folhas abrem; a terceira quando os cachos estão limpos de todo, isto é, quando os bagos attingem as dimensões d'um grão de chumbo.

O tempo para estas operações deve ser calmo, afim de que o enxofre não seja arrastado ao longe pelo vento, mas isto nem sempre succede, porque a temperatura poucas vezes condescende com os nossos desejos. Se o tempo permittir que estes trabalhos sejam executados a horas, bastará fazer sómente duas applicações de enxofre, uma sobre todo o conjunto de cada cepa e outra no cacho. Conhecemos alguns viticultores que supprimem a primeira enxofra, como causa do atrophiamento das cepas, succedendo, como temos presenceado, que as varas da poda se conservam sempre atacadas do *Oidium*, embora o fructo, em parte, esteja vingado. Somos de opinião que é um erro gravissimo não se enxofrar quando os gomos attingem o comprimento de 0m,10 a 12 certo que o enxofre accelera a vegetação, e, por conseguinte concorre para que a *Videira* se esgote, mas para contrabalançar a este inconveniente inevitavel, lancemos mão da poda bem feita e das estrumadellas frequentes: sobrecarregar a *Videira* com varas, escassez de estrume e applicar-lhe uma forte dose de enxofre, será, sem duvida, concorrer para a sua morte.

Sendo o enxofre um preventivo certo contra o *Oidium* e atacando fortemente este flagello as *Videiras*, como póde o viticultor deixar de proceder á operação da enxofra? Em caso affirmativo, arriscar-se-hia a perder toda ou parte da novidade d'aquelle anno em que pozesse em pratica tão erronea theoria.

A'cerca do enxofre como agente poderoso que concorre para a morte das *Videiras*, temos ouvido a diversos individuos, entre estes pessoas bastante illustradas, tantos disparates, que nos abstemos de os relatar, como doutrina que pecca pela base. Cada individuo tem seu modo de raciocinar; mas, pela nossa parte entendemos que o enxofre é indispensavel para combater o *Oidium* e o seu uso não se deve nem póde banir, porque arriscar-nos-hiamos a perder as cepas e o seu producto, o que redundaria em gravissimos prejuizos.

Para o bom exito d'esta operação, requer-se que em seguida á applicação do enxofre a … não o lave, porque … o resultado é negativo. … penetra o cerebro de muitos: estão persuadidos que, apenas o enxofre seja espalhado sobre as *Videiras*, embora as aguas pluviaes o levem em seguida, produz bom effeito.

Portanto, não se conservando o enxofre dois ou tres dias, pelo menos, sobre as *Videiras*, necessario se torna enxofrar de novo.

A enxofra pura e simples applicação com todo o cuidado—dizem bons auctores—constitue o unico remedio verdadeiramente efficaz e infallivel contra o *Oidium*. Oxalá que se tivesse … contra o *Phylloxera* e mesmo contra o *Mildew*, uma substancia tão especifica e tão certa como o enxofre contra o *Erysiphe tuckeri*.

Mr. Gaston Basille, propoz o enxofre sulfatado para combater simultaneamente o *Oidium* e *Mildew*. Necessidade das enxofras por um lado—diz o citado auctor—e pelo outro emprego satisfactorio contra o *Peronospora viticola*, de pós contendo saes de cobre, a conclusão desprendia-se d'ella mesma: combater os dois inimigos da vinha ao mesmo tempo, por uma mesma operação. A mistura aconselhada pelo auctor consiste simplesmente em deitar a 100 kilogr. de enxofre 4 ou 6 kilogr. de sulfato de cobre reduzido a pó mais ou menos impalpavel. Esta mistura que M. Basille propoz na sua communicação feita á Sociedade Nacional d'Agricultura no 1.º de julho de 1887, é efficaz para o *Oidium* e será possivel que o seja tambem para o *Mildew*, mas só a experiencia o poderá decidir.

Esta experiencia merece ser estudada, porque a vinha exige tantos cuidados, porque os seus inimigos são tantos, as despezas tão elevadas, o seu producto mais que em tempo algum necessario, que toda a simplificação nas culturas e toda a economia possivel … serão sempre bem acolhidas.

Marco de Canavezes.

Antonio M. Borges d'Araujo.

SECÇÃO LITTERARIA

A NOITE DE NATAL

Longe, no berço do sol, bem para o Oriente, onde a mulher é voluptuosa e languida, um … saphirado de azul … pombos bravos … boiar, por uma noite—noite … orvalhada da brancura das estrellas, entre os perfumes embriagantes da sessah airosa, nasceu uma creança loirita, que reis vieram de longe incensar com myrrha e ôro das palmeiras verdes, e almas simples de pastores orquestraram com os seus canticos doces como balladas de amor, lá bem para o Oriente, no paiz do sol e na terra das auroras, onde o babul canta e o ar é perfumado docemente pelas caçoulas das flores rescendentes de aromas estranhos…

Era Jesus, a creança.

Abrigado pela sua nevada de Maria, a cheia de graça, a formosa de Jerichó, proclamou a emancipação da mulher, que é a mãe, que é a esposa, que é a irmã; tendo brincado bem feliz com as creanças da sua terra, chamou sempre a si os pequeninos; vendo correr atraz de si a loura samaritana e a Magdalena enamorada, divinisou o amor; embalado pelas cantigas das mulheres de Nazareth, foi poeta; affeito a olhar o azul, fez-se philosopho; creado nas selvas tendo bebido o ar livre das montanhas, prégou a liberdade… Foi Bom, foi Justo, foi Clemente; mas a sua … feito de lagrimas e de beijos, era de mais para então: poucos o comprehenderam; uns pobres pescadores e umas boas mulheres da sua terra. Os homens eram maus; de longe, da Roma dos imperadores, vinham eccos de morticinios; a aurora que elle trazia illuminava de mais… Crucificaram-n'o…

Era Jesus, o crucificado.

Vieram depois outros tempos, vieram depois outros homens; ao seu martyrio seguiram-se outros martyrios, e pela historia adiante como encanta ver fructificar, deslumbrante de ensinamentos, a arvore que elle implantou. A aurora illuminava já e illumina ainda, como illuminará sempre…

Amigo dos simples, dos poetas e das creanças, elles celebram hoje o teu dia. As creanças sobretudo, é em familia, e é envolta da meza; os paes presidem, bem felizes por os vêr, e os risos da pequenada são como hymnos triumphaes; as palavras gorgeadas semilham uma oração pura de fé; os murmurios que mal se percebem, supplicas de perdão para homens maus que ainda ha. E' o Natal, o Natal que elles esperavam ha tanto, ha tanto; porisso os pinhões se britam e a arvore irisada de luzes e scintillante de bonbons se lhes offerece seductoramente, n'esta noite, em que ha tanto tempo Jesus nasceu, longe, lá para o berço do sol, onde o babul canta e o ar é perfumado docemente pelas caçoulas das flores, rescendentes de aromas estranhos…

Guimarães, 24 de dezembro.

Domingos Guimarães.

A ARVORE DO NATAL

(CONTO RUSSO)

Estamos n'uma grande cidade. E' vespera de Natal, e, por um frio cortante, diviso um pequenito de dezeseis annos, … menos, que ainda é bastante novo para mendigar, mas a quem … dentro de um ou dois annos.

O pequenito acaba de acordar durante … acha-se … no … pardieiro frio e humido. Uma especie roupão velho e gasto cobre-lhe o corpo enregelado. A respiração sae-lhe transformada em branco vapor. Sentara-se a um canto, em cima de uma arca, e precipita de proposito a respiração, para se entreter a vel-a soltar-se-lhe da bocca. Mas essa distracção não lhe diminue a fome. Já por varias vezes se approximou da catre, onde a mãe enferma se havia deitado com a cabeça encostada a uma trouxa de farrapos, servindo-lhe de travesseiro.

Como iria a pobre mulher ali parar? Provavelmente chegou com o filho d'alguma terra estranha e depois caiu doente.

A dona do pardieiro, onde ella estava, fora presa ha dois dias e levada para a estação de policia. Como chegamos na vespera de um dia de festa, os outros hospedes sahiram todos. Todos, não; d'aquelles maltrapilhos ficou estirado em cima de uma enxerga, cosendo uma embriaguez de vinte e quatro horas, e a um canto do lado opposto ouvem-se os gritos de uma velha octogenaria tolhida do rheumatismo.

Essa velha foi nos seus tempos ama de creanças; hoje, só e desamparada, sente-se para ali morrer, grunhindo e resmungando sempre que se approximam do seu poiso.

E elle que já tem medo de se chegar para a velha, achou no corredor agua para beber. O pequenito não pode encontrar foi uma côdea de pão; e pela decima vez tentou despertar a mãe. E' que o pequenito acabou por sentir medo d'este isolamento; a noite vae cahindo … lá …

… moscinhas no rosto da mãe e espanta-se muito de que esta não se mexa … ao … as pedras da parede. Se o frio é tanto! pensa elle, … Permanece por alguns instantes immovel, abraçando os hombros da morta; em seguida principia a assoprar os dedos para ver se os aquece, e … a porta de mansinho e saiu. … o medo que tinha do cão do vizinho, que passava o dia todo a ladrar. Mas, por fortuna, o cão estava ausente e o pequenito poude vir a salvo para a rua.

—Meu Deus! que cidade tão grande!

Nunca viu coisa assim. Na terra de onde … vinha … as casas baixas e de madeira, … fechadas, e desde que anoitece … ninguem nas ruas. … os cães … milhares que uivam e ladram toda a noite. … viera … tanto frio! … que comer.

Aqui… oh! meu Deus! que bom seria se lhe dessem de comer! Que bulha! que gente! tantos cavallos e carruagens!… E o frio!… o frio! o corpo dos cavallos … e das ventas sa… um fumo branco… As suas … na calçada, sobre a neve … E como todos caminham apressados!

—Ai, meu Deus! como eu queria … se ao menos podesse comer… um bocadinho de pão! E que dores sinto nos dedos!…

Um policia que ia passando voltou a cabeça para não ver o pequenito.

—Ainda outra rua! e como é larga! Vae-me pisar, com certeza. E como todos gritam! como todos correm! Tantas luzes, tantas!… Esperem, o que é aquillo?… Uma grande janella, além da janella uma casa, e n'essa casa uma arvore… uma arvore que sobe até ao tecto! … a arvore de Natal! e tantas luzes por baixo da arvore! e tantos … nos seus ramos. Olhem, em redor, tantos brinquedos e bonecos!… Ha creanças n'aquella casa… como estão … vestidas! E riem, saltam, bebem e … Lá está uma menina a dançar com um menino… que … a musica … ouço atravez das vidraças.

O pequenito olha, admira … tambem. Não sente dôres nos … nos pés. Os dedos das mãos …-se-lhe completamente roxos … póde dobral-os e soffre muito … movel-os. Mas de repente … que lhe voltam as dôres nos dedos, …

Chora e afasta-se. Mais adeante de novo uma janella dando … para uma casa, onde ha outras … res de Natal e muitos bolos … de uma mesa, bolos de todos … Quando chega de fóra algum … dado, offerecem-lhe logo bolo… portas abrem-se amiudadas vezes entram muitas pessoas.

O pequenito approximou-se da … sa, abriu tambem a porta … entro Oh! que estranheza e espanto … a sua entrada! Então uma senhora … levantou-se do seu logar, metteu … do pequenito uma moeda de cobre … ella mesma abriu-lhe a porta da rua. Que medo que teve o pequenito!

A moeda de cobre cahiu-lhe … mãos e rebolou pelos os degraus … escada. Não podia fechar os dedos … guardar o dinheiro e deitou … correr. Para onde? Nem elle proprio … bia. Desejaria chorar ainda, … tanto medo! E continua a correr, … correr, assoprando sempre … O desgosto de vêr-se só apossou-se … Meu Deus! que é aquillo? Um grupo de pessoas paradas … para uma janella. E pela parte … da janella, tres bonecas, … vestidas luxuosamente, … como se estivessem vivas! E' … de oculos a tocar rebeca!… … cabeça e mexem os olhos! E … devem fallar; … não se ouve, … causa da janella. O pequenito … primeiro que estão vivos, e quando … convence que são bonecos, solta … Nunca viu bonecos assim, … que os podesse haver tão … o pequenito desejaria chorar, … aquillo é tão bonito e os bonecos … engraçados!…

N'isto, sente que alguem … pelo fato;—acha-se junto … paz, crescido e mau, que … na cabeça, e um repellão … por terra.

Onde está elle agora? O pequenito cae. Ao mesmo tempo, ouve-se muita gritaria. … tranzido de medo; … ta-se de salto e deita a correr … até entrar por uma porta … esconder-se … no fundo … por detraz de …

—Aqui não virão dar comigo! … escuro isto!…

Escondido-se … cheio de medo, mal se atreve … E começa de subito … agradavel bem estar; … pequeninos … o frio que lhe invadia … transformou-se em calor, …

Conhece que vae adormecer … como é bom dormir! …

—Anda, meu filho, vem vêr esta misteriosa arvore do Natal! se-gredou-lhe ao ouvido uma voz dulcissima.

O pequenito julgou a principio que era a voz da mãe; enganara-se,—não era d'ella.

Quem o chamava, pois? Elle nada via. Entretanto, alguem se abaixa na sua direcção como que para o proteger, e elle estende as mãosinhas a essa visão desconhecida.

—Oh! que immensa claridade! que bella arvore do Natal! Mas não... não é a arvore do Natal... pelo menos o pequenito nunca as vira assim.

Tudo luz, tudo brilha e em torno só vê bonecos.

Não... não são bonecos... são meninos e meninas... e que lindos são! Todos se aproximam d'elle, cercam-n'o, abraçam-n'o, e vôam, tornam a pousar, levantam-no do chão e partem com elle; e elle mesmo sente que vae voando... E então avista a sua propria mãe, que olha para elle e lhe sorri alegremente.

—Mãe! mãesinha!... Ah, como se está bem aqui! exclama o pequenito. E de novo abraça as creanças, as quaes deseja contar-lhes a historia dos bonecos a tocar rebeca.

—Mas quem são os meninos? quaes são as meninas? pergunta elle entre sorrisos de carinhoso affecto.

É a arvore do Natal do menino Jesus.

Em casa do menino Jesus ha sempre n'essa noite uma arvore de Natal para as creanças, as quaes não é dado tel-a.

E soube então que o pequenito que todos aquelles meninos e meninas eram creanças como elle, mortas de frio entre os farrapos em que as tinham abandonado nas portas das casas de S. Petersburgo, mortas outras nas cabanas sem ar dos Tuckans, mortas algumas ao seio exausto de suas mães durante as crises de fome, e finalmente outras envenenadas pela infecção das carruagens de terceira classe nos caminhos de ferro moscovitas. Essas creanças transformadas em anginhos, vivem agora em casa do menino Jesus que tambem ali se acha, estendendo-lhes as mãos, abençoando-as a ellas e as suas mães peccadoras.

Tambem estão un pouco afastadas chorando, as mães d'essas creanças. Cada uma reconhece o filho ou a filha, e as creancinhas voam para ellas e beijam-nas, e enxugam-lhes as lagrimas com as pequeninas mãos, supplicando-lhes que não chorem, porque estão muito felizes.

E cá em baixo, na terra, de manhã, o porteiro vae dar com o cadaver do pequenito que se refugiára no pateo por detraz de um montão de madeira, e que ali exhalára, no abandono e seu derradeiro suspiro. E lá mais adiante, no pardieiro infecto, fôra tambem encontrado o cadaver arrefecido da desditosa mãe.

Ella morrera primeiro que o filho. Ambos, porém, se tinham tornado a vêr lá em cima, na casa do Senhor.

T. Dostoiewski.

A ORAÇÃO UNIVERSAL

N'uma tarde de verão, afastei-me da encosta verdejante de Sainte-Adresse, delicioso *villa* maritima suspensa nas collinas, para trepar do lado occidental, pelas alturas do cabo de la Hève. Quando se olha para estas alturas da base dos penhascos, julgamos estar vendo collossos de pedra avermelhados pelo sol, gigantes immoveis e pensativos, testemunhas petrificadas, ou monumentos formidaveis do mar, destinados a morrer a seus pés. Isoladas, aquellas massas enormes, inaccessiveis e graves, parecem dominar tão imponente o oceano.

A tarde lá, assim como em frente do mar, o homem reconhece-se tão pequeno, que depressa perde de vista a propria existencia e sente-se identificado com a vida confusa que paira no cimo do murmurio das vagas.

Tinha subido insensivelmente até o planalto superior, onde se collocam os semaphoros para annunciar aos navios á chegada o movimento horario das marés na praia, e se accendem os pharoes ao principio da noite, como estrellas *permanentes sobre esta im*-mensidade.

O sol glorioso do dia estava ainda suspenso, fulgurante, no meio das nuvens de purpura, embora já se tivesse escondido de Havre, situado por detraz de mim, e das margens planas que contornam a juncção do Sena com o mar. No alto céu azul, coroava-me com a sua pureza. Em baixo, des estevas povoadas de insectos saltitantes, evolavam-se ondas de perfumes. Approximei-me da borda escarpada, para além da qual se escancaram os abysmos. Na extremidade do cabo vertical, o olhar domina a immensidade dos mares que se estendem á esquerda, de sueste a nordeste. Descendo perpendicularmente, vae perder-se na profundidade das verdes escarpas, dos rochedos e dos matagaes, rude alfombra estendida a trezentos pés por baixo da muralha inaccessivel. O mugido das ondas mal sóbe até aquella altura, e o ouvido percebe unicamente um ruido uniforme de que o vento embala a intensidade murmurante.

E' um silencio este canto longiquo do mar. A natureza estava attenta no ultimo adeus que o principe da luz dava ao mundo antes de descer do throno e de sumir-se no horisonte liquido. Calma e recolhida, assistia á oração universal dos seres, que resavam a sagrada prece de reconhecimento, no recebermos o ultimo olhar do bom sol, todos, desde a estavo e solitaria moduzan, desde as estrellas do mar bordadas de purpura, até aos gafanhotos ruidosos e ao alcyon branco de neve, todos lhe davam piedosos agradecimentos. E era como que um perfume de incenso a elevar-se das ondas e das montanhas, e parecia que os murmurios da costa, a brisa que soprava do continente, a atmosphera embalsamada, a luz a empallidecer na serenidade do azul, tudo em fim tinha consciencia da sua existencia e tomava parte, amorosamente, n'aquella adoração universal.

Ao holocausto da Terra uniam-se no meu pensamento as attracções dos mundos entre si, não só as que approximam e afastam alternadamente o nosso globo do fogo solar, mas ainda as sympathias das estrellas, gravitando na immensidade dos céus.

Por cima de minha cabeça expandiam-se as harmonias sublimes e as translações gigantescas dos corpos celestes. A Terra tornava-se n'um átomo a todos os sóes do espaço, aquelles cuja luz nos chega ao cabo de milhões de annos de trajecto, e aos que jazem, desconhecidos, para além da visibilidade humana, eu sentia um laço invisivel enfeixando na unidade de um só creação todos os universos e todas as almas.

E a oração immensa do céu, incommensuravel, tinha o seu echo, a sua estrophe, a sua representação visivel na da vida terrestre que vibrava em redor de mim, nos murmurios do mar, nos perfumes da encosta, na ultima nota da ave da floresta na melodia confusa dos insectos, no todo commovedor d'aquella scena, e principalmente no admiravel claridade d'aquelle crepusculo.

Olhei... Mas era tão pequeno no meio d'aquella acção de graças, que a grandeza do espectaculo assoberbou-me. Sentia minha personalidade desvanecer-se perante a immensidade da natureza. Afigurou-se-me que não podia fallar nem pensar.

O vasto mar fugia para o infinito.—Eu já não existia, e os olhos cobriram-se-me de um véu. Contemplei sem ver, perdido no cimo da montanha! O mar fugia para infinito, e os céus confirmavam a prece.

E o Sol, origem d'aquella luz e d'aquella vida, lançou pela ultima vez o olhar por cima do horisonte dos mares. E tendo recebido a homenagem a que nenhum ser pensára em recusar-se, pareceu satisfeito do seu dia e desceu glorioso para o hemispherio de outros povos.

Estabeleceu-se então um silencio profundo em toda a natureza. Navens de oiro e purpura voavam em direcção á região sobre occultaram os ultimos lampejos avermelhados. Desceu o crepusculo dos céus. As ondas socegaram, porque tinha acalmado o vento que as impellia em direcção á costa. Os pequeninos seres alados adormeceram. E a estrella precursora da noite accendeu-se no éther.

«O mysterioso desconhecido, exclamei, Ente grande, Ente immenso, o que somos nós então? Supremo auctor da Harmonia, quem és tu, sendo a tua obra tamanha! Pobres vermes humanos que julgam conhecer-te! O' Deus! O' Deus! Atomos nadas! Como somos tão pequenos! Como nós somos pequenos!

«Como tu és grande! Quem ousou nomear-te pela primeira vez? Quem é o insensato que orgulhoso que pela primeira vez pretendeu definir-te? O' Deus! O' meu Deus! poder e ternura infinda! Immensidade sublime e incognoscivel.

«E que sêmos se deve dar áquelles que vos negaram, áquelles que não acreditam nem na vossa existencia, áquelles que vivem fóra do vosso pensamento, áquelles que nunca sentiram a vossa presença, ó Pae da Natureza!

«Oh! Eu amo-te! Amo-te! Causa soberana e desconhecida. Ente que nenhuma palavra humana póde nomear, amo-vos ó divino Principio! mas sou tão pequeno que não sei se me ouvis...»

Quando estes pensamentos se precipitavam para fóra da minha alma a inscrever-se á affirmação grandiosa da natureza inteira, as nuvens desviavam-se do poente e a irradiação aurea das regiões illuminadas inundou a montanha.

«Sim! Tu ouves-me, ó Creador! tu que dás á florinha dos campos formosura e aroma. A voz do Oceano não abafa a minha voz, e o meu pensamento eleva-se até junto de ti, ó meu Deus, com a oração universal.»

Do alto do cabo eu estendia a vista para o sul e para o occidente, para a planicie e para o mar. Ao voltar-me avistei as cidades humanas meio deitadas ao longo da praia.

No Havre as ruas dos mercadores illuminavam-se, e mais longe, na costa do outro lado, em Trouville, o prazer accendia os seus fachos.

E em quanto a natureza se prostrava diante de Deus para saudar a missão de um dos seus astros fieis, em quanto todos os seres communicavam, uns nos outros as suas preces, e a vaga rumorejante do oceano juntava á brisa da tarde a sua acção de graças no fim d'aquelle formoso dia; em quanto a obra creada, unanime e recolhida, se offerecia ao Creador, a creatura dotada de uma alma immortal e responsavel,—o ente previligiado da Creação,—o representante do pensamento,—o *Homem*, estava ali descuidoso d'aquelles esplendores, tendo olhos para não ver, ouvidos para não ouvir, parecendo ignorar a harmonia universal em cujo seio deveria encontrar a felicidade e a gloria.

Camillo Flammarion.

PEPITA

Pepita era a rapariga mais bonita da aldeia,—tambem não havia lá outra mais orgulhosa.

Todos os rapazes do Valle lhe faziam a côrte; e quando se apresentava na missa, nos domingos, com a sua saia de barra vermelha e o seu lenço de muitas côres, fluctuando graciosamente á roda do pescoço, não havia ninguem que não passasse para a cigana,—como lá lhe chamavam,—um olhar que lhe fizesse alguma gabo. Mas ella, soberba como uma rainha, atravessava a chusma, direita e magestosa, sem baixar os olhos ás exclamações de admiração, que a sua figura gentil provocava entre os rapazes do Valle.

E' que Pepita tinha um signalzinho na palma da mão, que lhe predizia grandes destinos, e estendia as aspirações do seu coração ambicioso muito para além das homenagens da pequena aldeia.

Era por isso que ella ficava, ás vezes, assentada á porta da sua casinha branca, horas e horas esquecidas, immovel e silenciosa, com o ouvido á escuta e o olhar perdido para o lado da estrada, como se esperasse alguem que devia chegar por ali.

Mas esse alguem não apparecia!... E Pepita recolhia todas as noites, triste e despeitada, da sua espera infructuosa... Apezar d'isso, no outro dia tornava a esperar, mais animada, mais risonha, mais linda que no dia anterior.

Ora uma tarde, que assim estava, com os olhos fitos na alvejante estrada, d'onde devia surgir d'alguma vez a sua boa sorte, chegou-se a ella Fernando, o seu companheiro e amigo de infancia, agora o unico da aldeia que lhe fazia galanteios.

—Bons dias, Pepita, disse-lhe, peço se venho enfadar-te como os outros, não será esta vez. Vou-me embora; não posso partir sem te dizer adeus.

Pepita não respondeu. Sempre absorta na sua vaga contemplação, nem deu pela falta de Fernando, que desappareceu, vagaroso e triste, por essa mesma estrada para onde ella olhava sempre. Comtudo, á noite, recolheu á casa mais triste que de costume, pensando no pobre rapaz, que não podéra partir sem lhe dizer adeus.

Porque abandonára a risonha aldeia? onde ia e até quando... para assim se despedir com tanta melancholia? Arrependeu-se de não lh'o ter perguntado; teve pena de não lhe dizer adeus; e, insensivelmente, o pensamento adejou-lhe para o passado.

Lembrou-se do tempo em que brincava com Fernando, ora correndo na planicie florescente atraz das borboletas ligeiras, ora sentados um ao lado do outro, á sombra das cannas verdes, a pescar as bogas no regato murmurante. E d'uma vez que elle lhe dissera, no passar pela egreja n'um dia de noivado: «Olha, Pepita, um dia tambem nós lá havemos de ir»; e que ella lhe respondera que não, porque a sua sina era de casar com um homem rico, que lhe traria joias e vestidos de seda. E de como desde então acabrunhado e pezaroso, Fernando deixára de lhe fallar.

A recordar aquelle passado alegre, que não voltaria mais, Pepita adormeceu; mas o seu somno foi certo e agitado. Duas ou tres vezes acordou sobresaltada, julgando ver Fernando ao pé de si. Um momento, imaginou até sentir resoar no ouvido a voz que lhe dissera: «Não posso partir sem te dizer adeus».

Mas no dia seguinte, sentado no degrau da porta, lá estava ella outra vez, alerta, febril na sua longa espera que não acabava nunca...

E os dias passavam, uns eguaes aos outros; depois os mezes; e os annos depois.

Pepita agora já não era bonita; a sua saia de barra vermelha, usada e gasta, caia-lhe sem graça á roda das pernas emmagrecidas; o seu lenço de muitas côres, desbotado e velho, pendia-lhe da cabeça merencoriamente.

A sua casinha branca, batida pelo tempo, desmoronava-se, denegrida e triste.

Pepita já não esperava; mas, como d'antes, passava os dias assentada no degrau da porta. Como d'antes, olhava sempre, sempre, para a alvejante estrada,—unica coisa que o tempo não tinha deteriorado. A's vezes, noites inteiras, com os olhos fitos na obscuridade, a ouvir o eterno sussurrar do vento, acabava por adormecer com os braços cruzados sobre os joelhos e a cabeça encostada á parede dura e fria.

E nenhum amigo! nada em redor d'ella, que fosse alegre!—senão, de vez em quando, as risadas, os epigrammas grosseiros d'aquelles que a tinham adorado.

Uma vez,—era noite,—Pepita, meio adormecida sobre o seu banco de pedra, ... em sonhos as visões phantasticas, que d'antes lhe povoam a estrada tão ... estrada estrevante.

Todas as imagens doiradas dos seus delirios de outr'ora lhe reappareciam no espirito, confusas, indefinidas, vagas como o nada que as creara. Mas, no meio, d'essas sombras diffusas em que fluctuava perdida a sua imaginação dormente, vinha surgindo, cada vez mais viva e mais palpitante, uma figura conhecida, que pouco a pouco, destacando de toda aquella confusão de imagens, tomava no seu espirito maravilhado a apparencia de realidade. Essa figura era a de alguem que se affastava vagaroso e triste, e que caminhava sempre, sempre, sem olhar para traz.

E, no contemplar aquella visão, Pepita sentiu-se invadir por uma melancholia profunda, cheia de saudade e de remorso, que lhe gelava a alma e lhe paralysava o coração...

De repente, estremeceu.—Passos na estrada.—Alguem que vinha!... A'quella hora, quem podia ser, na aldeia solitaria?

Pepita abriu os olhos, e a travez a obscuridade viu, bem distinctamente, agora,—já não era sonho!—alguem que a olhava com amor,—com o mesmo amor do tempo em que era bonita... que lhe sorria já. Alguem, que chamava pelo seu nome e lhe segredava ternamente:

— Pepita, se tu quizesses agora... Trabalhei por lá. Trago uma fortunasinha.—Se quizesses agora... casar commigo...

Zuleicka.

QUASIMODO

—Como! exclamou Raul de Nys, o Adriano Renault morreu de amor! E por quem, santo Deus?

—Pella bella Vanda, a gymnasta do Circo d'Outomno.

—Está gracejando, meu caro!

—Não se graceja com estas coisas, replicou Luiz Gerbaud. Estou tão sério, que muito propendo para a tristeza. Fui eu que recebi a confissão d'esse infeliz, e, palavra de honra, meus senhores, creiam que a recordação nada tem de agradavel.

—Seja; mas a historia não é menos curiosa para quem conhece o personagem. Conte-nos isso.

—Far-lhes-hei a vontade, disse Luiz Gerbaud, que se levantou e veio encostar-se ao fogão. Pois que o pobre diabo se sá de manhã por deante esquecido para sempre, podemos ainda hoje conceder-lhe a esmola d'um minuto de piedade. O tempo de accender e fumar um charuto... Estou perfeitamente tranquillo, não é assim? O fumo não lhes fará mal nos olhos, não é verdade?

N'esse caso, ahi vae:

Estava, ha quize dias, no Circo de Outomno, em noite de espectaculo do *high-life*. Vanda acabava de executar, d'um para outro trapezio, o seu duplo salto perigoso, a vinte metros acima da pista, por sobre as cabeças dos espectadores, no fulvo abrasamento do ar incendiado por uma dupla coroa de gaz fulgurante, atravez do qual vibrava o *frison* palpitante da multidão espantada e estarrecida, quando o meu olhar, percorrendo a fila das cadeiras da frente, se fixou n'uma estranha physionomia: um rosto pallido, imberbe, illuminado por uns olhos negros, ardentes como carvões...

Esses olhos seguiam n'esse momento a lenta e graciosa queda da gymnasta que, á força de pulso, sem a apparencia d'um esforço, ganhava a pista escorregando da corda lisa que as suas finas mãos brancas seguravam, balanceando-se n'um movimento regular, de um vigor flexivel mas firme.

Chegada a diminuta altura da arena, Vanda deixou-se cahir, saltou no mesmo instante em que seus pés apenas tocaram a areia luzente que atapetava o solo, permaneceu alguns momentos de pé, em meio do circo, semelhante a uma estatua viva, no seu *maillot* de seda branca, que desenhava o harmonioso relevo das formas soberbas, inclinando a cabeça para a direita e para a esquerda sob a tempestade sonora de bravos e flores. Depois fez uma reviravolta, e, em tres saltos, esquivou-se pela porta das cavallariças, cortando atravez de uma onda de espectadores do alto mundo, que se fechou sobre a sua passagem...

Os olhos brilhantes que haviam provocado a minha attenção, não se desprenderam d'ella um segundo. E quando ella desappareceu, o seu olhar apagou-se.

Quem era esse rosto pallido, que dois grandes olhos illuminavam de fogo? clarão e agora esmoreciam nas sombras da melancholia? Pareceu-me que não era desconhecido. Olhei com mais attenção. Subito, os hombros que supportavam essa cabeça inclinaram-se para a frente... «Renault! exclamei commigo, Adriano Renault!» Era realmente o meu antigo condiscipulo do collegio de Santa Barbara, que perdera de vista ha quinze annos. Reconheci-o pela corcunda.

Estava muito distante de mim para que podesse fazer-lhe signal. Esperei que o espectaculo terminasse, e posteime á porta de saida. Instantes depois, Adriano passa junto de mim. Toquei-lhe no braço. Elle teve um movimento brusco e voltou-se afastando-se com surprehendido e inquieto. Nada do que estendeu-me a mão.

—Reconheceste-me? disse elle.

—Certamente, respondi; é a primeira. Estás o mesmo que eras.

Elle teve um sorriso triste.

—E' lá possivel que eu possa mudar? replicou. Hão de reconhecer-me sempre, e pela mais simples das razões. Comprehendi que a minha phrase fôra desastrada, e tentei uma diversão.

—Com que, d'esta vez estás parisiense?

—Nunca deixei de o ser. Ser-me-ia impossivel sahir de Paris.

—Que fazes?

—Nada. Tenho alguma fortuna, como sabes...

—E vaes vivendo. Feliz homem! Adriano fitou-me; tinha os olhos afogados em lagrimas.

—Vou vivendo ou deixando-me viver, sim, disse elle,—se é que se pode chamar vida ao destino miseravel que arrasto no mundo!

Tomou-me o braço e enfiamos por uma rua deserta, por onde caminhamos lentamente.

—Escuta-me, continuou Adriano Renault após um momento de silencio. Posso fallar-te com franqueza, a ti, porque tens bom coração... Sim, n'outros tempos, no collegio, eras um dos raros que comprehendias o que eu devia soffrer! Oh! bem me recordo, acredita... Essas coisas não se esquecem. E tu não imaginas, pois não? Como poderias imaginar, se nunca conheceste o supplicio que me torturava, que torturava ainda? Não podes calcular o thesouro de gratidão que se sente na alma, quando se é o eu que sou, pelo amigo que nos não faz a graça, não só de nos poupar a cruéis epigrammas,—porque essa piedade é a primeira de todas,—mas que nos tracta como um ser semelhante a elle, e que não nos lembra, embora uma commiseração desastrada, ou pela hypocrita indulgencia d'um olhar que se desvia, a deformidade que nos põe fóra da sorte commum, collocando-nos a despeito de todos os raciocinios, na mesma plana do pária. Esta suprema delicadeza, sem a qual a mais sincera caridade se assemelha a flor sem perfume, sem para tiveste para mim. Por isso, não obstante quinze annos de vida nos separassem, muitas vezes pensei em ti, asseguro-te, e mais de uma vez amaldiçoei esta estupida malvadez do acaso, pela qual as melhores amizades, as unicas verdadeiras, as que se forjam e encadeiam na adolescencia, são quasi sempre destinadas a perecer! Mas encontro-te, o mesmo que eras ha quinze annos, tenho a certeza, comprehendi-o logo, ao sentir o aperto da tua mão, ao ver a expressão do teu olhar! Deixa-me fallar te contar-te a minha miseria. Parece-me que depois será menos grande...

Não cessei de soffrer, ouves? Sim, sempre a mesma coisa, sempre este estupido mal, mas inexoravel, sempre esta tristeza reedora por me saber deforme, feito de maneira diversa dos outros, objecto de risadas ou de compaixão! E' absurdo, dirás. Eh! que seja absurdo ou não, que importa, se é assim! Crês que não me revoltei contra essa obsecação, que não empreguei, para me subtrahir a ella, todos os raciocinios que o cerebro humano pode gerar! Eu corcunda; seja. Contrafeito; e depois? Impedirá isto de possuir a estima da gente honesta, cuja sympathia é preciosa, de encontrar na vida o interesse que a existencia offerece, vista pelo seu lado risonho? Não haveria minhas obras uteis, intelligentes, generosas, as quaes podesse levar o meu concurso? N'este mundo da luta onde tinha o direito de pretender um logar, influiria mais o meu corpo disforme do que a minha alma recta? Tinha feito estudos com excellente aproveitamento; poderia ser, como qualquer outro, escriptor distincto, sabio respeitado, artista de talento, que sei eu! E não fiz nada, nada me foi possivel fazer senão afrontar-o meu mal com a louca esperança de o subjugar, refugiar-me no sonho esteril, e escrever—valente e dolorosa ironia!—uma especie de hymno á Belleza...

—Como! esse volume de versos intitulado *A Belleza*, é teu?

—Sim, é meu.

—Mas esse livro contém paginas soberbas!

—Já o ouvi dizer. Devo acreditar? Não sei. Seja como fôr, em todo o caso, escrevi esse livro. A minha alegria, a minha tortura calaram-se! Porque, a cada verso que a minha penna traçava, o ideal do meu espirito desprezava a realidade do meu corpo. Esse esplendor da belleza serena, pura e que me evolava, mariposa deslumbrada, a minha aspiração eternamente frustrada, parecia illuminar da mais implacavel luz a triste fealdade do ser abortado que contemplava o seu radiamento! Imagina o que deveria soffrer! Esse livro em que pus a melhor porção de mim mesmo, não o firmei. Ser obscuro, humilde deserdado, não quiz reconhecer a obra que poderia dar-me, não direi a felicidade, mas a fama e talvez a gloria... Vês o seixo renegando a scentelha que o choque d'um bemaventurado acaso arranca do seu despedaçado seio? Eu fiz isso, por um supremo pudor. Supponha-me o leitor percorrendo os meus versos, e, sabendo o que sou, sublinhei com a reflexão, mesmo fugitiva e discreta, a pungente e risivel antithese do livro e do auctor. Quiz evitar á minha obra o insulto d'esse sorriso.

Estás vendo a minha vida, meu amigo. Este traço resume-a. A angustia perpetua, a constante rebellião d'um ser deforme contra a monstruosa excepção de que é victima, o desejo, a séde sem cessar comprimida de soltar um grito de protesto... Porque? Sim, porque sou assim em vez de ser de outro modo? Mas, forçoso é calar-me e calo-me. De que serve blasphemar e maldizer, quando a maldição é impotente, quando a blasphemia cae por terra, semelhante aos dardos inuteis que a colera vá d'um heroe ferido despede contra o céu!

Então, sabes o que me acontecem? Faminto de belleza, perseguido por essa ideia fixa, atormentado por essa necessidade, indifferente a qualquer outro sentimento que não o amor exasperado da perfeição plastica, vim procural-a aqui, n'este radioso e imbecil triumphar da forma humana. Sim, os clowns sarapintados e cobertos de lantejoulas, os acrobatas vigorosos e esbeltas, as amazonas flexiveis e esbeltas: vim aqui, repito, adoral-os, prestar a estes semi-deuses esplendidos e ridiculos de um Olympo de circo, o meu culto de moderno pagão!

E ainda não é tudo. Viste, ainda ha pouco, essa adoravel creatura, essa mulher formosa como uma deusa. Ella é talvez, ou provavelmente, estupida como um peixe. Ignoro-o e quero ignorar, evitando as occasiões em que poderia fallar-lhe. Pois bem! amo esta creatura, não só como uma estatua, mas como mulher, como poema vivo e real da carne maravilhosa. Approximar-me d'ella? Quando quizesse, mas não teria coragem. Rir-se-ia de mim, oh! se riria!... Como acabará este drama em que sou simultaneamente actor grotesco e testemunha humilhada?... Não sei. Em breve verás, talvez.—

Dito isto, deixou-me bruscamente.

— E eis porque, ha pouco, quando Raul de Nys nos disse: «Não sabem? Encontrou-se no Sena o cadaver de Adriano Renault, o corcunda»—eu respondi: «Sei qual foi a causa de seu suicidio.» E agora, ajunto, dirigindo-me a todos que tem a ventura de ser Phebos á sua maneira:

—Não será a ultima vez que Quasimodo se matará por Esmeralda!

Joseph Moutet.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO DIARIO DO GOVERNO

Diario de 31

Portaria nomeando uma commissão para propor o local e bases para a organisação da *morgue*.

Varios despachos judiciaes.

Annuncio de estar aberto concurso para officios de justiça.

Mappa das patentes de invenção concedidas durante o mez de outubro de 1888.

Decreto e tabella dos valores medios para as mercadorias nacionaes exportadas no primeiro trimestre de 1889.

Decreto e regulamento para a contribuição industrial.

Diario de 2

Despachos de varios empregados para as alfandegas.

Decreto regulando os emolumentos dos escrivães, nos inventarios, pelas declarações em duplicado.

Decreto mandando crear 110:000 obrigações de 90$000 réis, destinadas á conversão da divida consolidada externa de 3 por cento.

Annuncio de estar aberto concurso para logares de conductores auxiliares desenhadores de obras publicas...

Relação dos fun... em exercicio... 188...

FOLHETIM

WALTER SCOTT

IVANHOÉ

OU

O REGRESSO DO CRUZADO

—Não, bravo o reverendo cavalleiro, respondeu Isaac, é principalmente com balsamos de uma grande virtude.

—E quem é que lhe deu o segredo?

—Uma mulher da nossa nação.

—O seu nome?

—Miriam, disse Isaac tremendo, como constrangido.

—Miriam! detestavel judeu, bradou Beaumanoir, essa abominavel feiticeira, conhecida como tal em toda a christandade: cujo corpo foi queimado n'um poste, e as cinzas lançadas ao vento. Outro tanto me aconteça a mim, e a todos os meus, se eu não o ensinarei a esta feiticeira pupilla! Eu a ensinarei a feiticeira aos soldados do templo. Damião, ponham-me este judeu, e que morra, se aquelle apresente. Quanto a sua nação, obrarêmos para com ella como se a um ... christãos, e o logar ...

O pobre Isaac foi expulso immediatamente sem que lhe approvassem a sua rogos e sua submissão.

—Não poude imaginar que melhor tinha de voltar a casa do rabbino. Nathan-ben-Israel, para o consultar sobre o que deveria fazer.

...quietava-o vêr a filha exposta e se deshonrada, agora receiava com razão lhe arrancassem a vida.

No entanto o grão-mestre mandou uma ordem ao commendador de Templestowe para que comparecesse diante d'elle.

XXXVI

Não me accuses de frande—todos fingem,
Assim vive o mundigo, o traficante
Ganha terras e titulos, governo,
O clero não desdenha o fingimento;
Aqui assim servisos e guerreira;
Todos o admittem, todos o praticam,
E quem se mostra qual é, pouca influencia
Ou na egreja, ou no campo, ou no estado
Certo ha de ter.—Assim caminha o mundo.

Dram. ant. ingl.

Alberto Malvoisin, presidente, ou para fallar na linguagem da ordem, preceptor dos templarios em Templestowe, era irmão de Filippe Malvoisin de quem já fallamos tantas vezes, e, como elle, intimo amigo de Brian de Bois-Guilbert.

Alberto podia passar por um dos homens mais dissolutos e faltos de religião que se achavam em sua ordem, bem differente do audaz Bois-Guilbert, ...bia cobrir com o véu da hypocrisia ... vicios e ambição, e substituir a falta de religião com uma apparencia de fanatismo supersticioso. Se o grão-mestre não tivesse chegado a Templestowe d'um modo tão inesperado, elle ... não teria visto nada que ... signal de disciplina. Alberto Malvoisin ainda que ... tivesse ... reprehensão do grão-mestre e ... vio ... por isso entendido ... tomou ... immediatamente medidas para lhe occultar a dissolução e desordens que reinavam no estabelecimento de que era chefe; escutou com signaes de respeito e de contricção as reprehensões de Beaumanoir, pos tanta pressa em fazer desapparecer até o mais leve abuso, e finalmente obteve de tal modo o poder introduzir um ar de devoção nos logares, que até então tinham sido o theatro da dissolução e dos prazeres, que o grão-mestre considerou-o como um homem que tinha sido bastante fraco, para ceder algum tanto a relaxação geral da disciplina, mas que nunca se tinha afastado totalmente do caminho direito.

Estes sentimentos favoraveis foram comtudo abalados, quando Beaumanoir soube que Alberto tinha soffrido que se introduzisse n'um estabelecimento religioso, entregue á sua guarda, uma captiva, uma judia, e como era provavel que fosse amante d'um cavalleiro da sua ordem; quando o commendador apareceu na sua presença, Beaumanoir olhou para elle de modo severo, e exprobado.

—Acabo de saber, disse elle, que n'esta casa, consagrada a Deus e a santa ordem do templo, se acha uma mulher judia, trazida por um dos nossos irmãos. E possivel que o ignoreis, commendador?

Alberto Malvoisin ficou confuso e ... culeado, pois que a desfortunada Rebecca tinha sido fechada n'uma parte, bastante affastado da parte da casa que occupava o grão-mestre, e tinham-se tomado todas as precauções possiveis para que elle não podesse ser informado d'isto. Leu nos olhos de Beaumanoir a sua perda, e a de Bois-Guilbert, se não achasse algum meio para conjurar a tempestade que o ameaçava.

—Ficais callado? proseguiu o grão-mestre.

—E-me por ventura permittido o fallar? perguntou o commendador com uma fingida humildade, se bem que não tratasse mais do que metter tempo de permeio para preparar a sua resposta.

—Fallai, eu vol-o permitto. Dizeime, conheceis o capitulo de nossos estatutos, *de conalitaniis templi in Sancta-Civitate, qui cum miserrimis mulieribus versantur, propter oblectationem carnis*?

—Sem duvida, reverendissimo irmão; não é debalde que cheguei a dignidade em que estou na nossa ordem, sem conhecer uma das prohibições mais importante.

—Como podestes pois tolerar que um dos nossos irmãos manchasse nossa casa trazendo, ella a sua amada, e muito principalmente quando esta é uma judia, uma feiticeira?

—Uma feiticeira! repetiu Alberto Malvoisin. Valham-nos os anjos!

—Sim, uma feiticeira. Ousareis negar que Rebecca, filha do miseravel usurario Isaac d'Yrk, discipula da feiticeira infame Miriam, se acha n'este momento... tenho vergonha de o dizer! en vossa commendadoria?

—A vossa sapiencia, reverendo grão-mestre, tornou-lhe Alberto, acaba de rasgar o véu que me cobria os olhos. Que estava eu pasmado, e sem saber que saudade, vendo um bravo, o digno cavalleiro, tal como Brian de Bois-Guilbert, tão captivado dos encantos d'uma moça, que eu não recebi n'esta casa, senão para sustar uma intimidade sempre crescente, que teria podido ser cimentada á custa da salvação do nosso valente e religioso irmão.

—Então estais certo que elle ainda não transgrediu o voto? perguntou o grão-mestre.

—Debaixo destes tectos, certo que não, respondeu o commendador fazendo o signal da cruz. Tómo por testemunha santa Magdalena e as onze mil virgens. Só fiz mal em a receber aqui, a minha falta foi causada pela esperança que concebi que, teria podido cuidadosamente fechada, curaria o irmão contra uma affeição, que me parecia tão que que é de tão ... dinario, tão pouco natural, que me vi tentado a julgal-o louco, e como tal dever ser tratado ... de compaixão que de censura. Mas visto que vossa sabedoria descobriu que esta judia é uma feiticeira, conhecido está o motivo de tão imperdoavel desvario.

—De certo, proseguiu Beaumanoir. Vêde, Conrado, o perigo de ceder ás primeiras tentações de Satanaz! Olha-se para uma mulher unicamente para satisfazer o prazer da vista, para contemplar o que se chama uma belleza, o inimigo do genero humano emprega os feitiços e talismans para completar a obra de nossa perdição,

...começada por imprudencia e leviandade. Talvez que nosso irmão Brian de Bois-Guilbert mereça n'esta circumstancia mais compaixão do que reprehensão, e que eu deva antes empregar o baculo pastoral para o sustentar, do que o bastão para o ... gar; é possivel que com ... hortações e rogativas possa ... d'essa loucura, e resti... irmãos.

—Seria uma d... sa ordem, torn... perder uma d... quando tem ... todos os ... Guilbe... rauc...

SESSÕES PARLAMENTARES

CAMARA DOS PARES

Sessão de 3 de janeiro

Foi lida uma carta regia que nomeia o sr. João Chrysostomo d'Abreu e Sousa, presidente da camara dos pares na actual sessão legislativa.

Foram eleitos os srs. Ressano Garcia e Eduardo Montufar Barreiros para secretarios, e para vice-secretarios os srs. conde de Bretiandos, e Villas Bôas.

Leu-se e foi seguidamente approvada a acta da sessão preparatoria, considerando-se assim constituida a mesa da camara para a actual sessão.

Foi nomeada a deputação que ha de ir participar a El-rei a constituição da mesa.

Leu-se a acta da sessão anterior, que foi approvada, e depois o sr. ministro dos negocios estrangeiros communicou que Sua Magestade receberia a deputação nomeada, no proximo sabbado ás 2 horas da tarde.

O sr. presidente propôz e foi approvado que se lançasse na acta um voto de sentimento pelo fallecimento de alguns dignos pares.

O sr. Thomaz Ribeiro, associando-se á votação da camara, fez o elogio dos finados e em especial dos srs. Pinheiro Borges e arcebispo primaz de Braga o sr. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa. Terminou pedindo alguns documentos ao governo relativos á execução das concordatas.

O sr. ministro dos negocios estrangeiros, associando-se em nome do governo ás manifestações da camara, declarou que não podia mandar alguns documentos pedidos, por se referirem a questões pendentes.

Por ultimo procedeu-se á eleição do membro que conjunctamente com a meza tem de compôr a commissão administrativa, saindo eleito o sr. Manuel Antonio de Seixas.

A proxima sessão é na segunda-feira.

CAMARA DOS DEPUTADOS

Sessão de 3 de janeiro

A's 3 horas e um quarto abriu a sessão, sob a presidencia do sr. Estevam Antonio de Oliveira Junior, deputado decano, servindo de secretarios os srs. João Menezes Parreira e Alfredo Pereira.

Feita a chamada, verificou-se estarem na sala 58 srs. deputados.

Leu-se na meza um officio da presidencia do conselho de ministros, dando conta da exoneração do sr. Henrique de Macedo de ministro da marinha, bem como do sr. visconde de S. Januario, de ministro da guerra, e da nomeação para o exercicio d'aquellas pastas dos srs. Barros Gomes (interinamente) e J. J. de Castro.

Leu-se igualmente um officio do ministerio do reino, acompanhando os processos relativos ás eleições de um deputado pelos circulos n.º 148 (Macau) e n.º 141 (Loanda).

Procedeu-se depois á votação da lista quintupla. Tendo entrado na urna 37 listas, verificou-se que a votação não constituira maioria, por falta de numero, ficando adiada para amanhã.

Sessão de 4 de janeiro

A's tres horas e meia da tarde, abriu-se a sessão, estando presentes 68 srs. deputados, sob a presidencia do sr. Estevão Antonio de Oliveira Junior, deputado decano, servindo de secretarios os srs. Alfredo Pereira e Menezes Parreira.

Leu-se um officio da camara dos pares, participando que ella se acha constituida.

Procedeu-se á eleição da presidencia, entrando na urna 56 listas, sendo eleito por unanimidade o sr. Francisco de Barros Coelho e Campos.

Procedeu-se em seguida á eleição da vice-presidencia.

Ao conferir o numero de listas com o numero de votantes, viu-se que as primeiras eram em numero de 56 e os segundos em numero de 43.

Depois de uma reclamação da parte do sr. Arouca, deu-se como não valida a eleição.

O sr. Abreu Castello Branco pediu á presidencia que fizesse lêr o artigo do regimento que não permitte aos deputados presentes na sala abster-se de votar.

Procedeu-se de novo á eleição da vice-presidencia, sahindo eleito por 53 votos o sr. Manuel Affonso Espergueira, havendo duas listas brancas.

O sr. Baptista de Sousa requereu que se lêsse na meza os nomes dos deputados que tinham votado.

O sr. presidente declarou que se lhe affigurava desnecessaria a leitura, uma vez que o numero de listas correspondia ao numero de votantes.

O sr. Baptista de Sousa retirou o seu requerimento.

Em seguida, o sr. Arouca fez requerimento identico ao do sr. Baptista de Sousa, requerimento que foi satisfeito.

Levantou-se então um pequeno incidente ácerca da validade da eleição e em que tomaram parte os srs. Arroyo e Elvino de Brito.

O sr. José de Azevedo Castello Branco requereu que se abrisse um debate especial ácerca do assumpto.

Levantou-se algum tumulto na esquerda da camara, encerrando-se logo a sessão.

Quiz-nos parecer que este tumulto reverteu em pouco amavel gracejo para com o sr. Estevão Antonio d'Oliveira Junior, deputado regenerador.

Eram cinco horas.

CORREIO DE LISBOA

4 DE JANEIRO DE 1889.

A opposição serpacia começou já hoje a exercer o seu alto mister na camara electiva. A proposito da eleição da vice-presidencia, levantou conflicto que se apasiguou logo, mas que deixa ver desde já o que são os propositos d'aquellas boas gentes. Na agrupação em que prepondera o elemento Arouca, Arroio & C.ª é que se patenteia a vontade *de levar as cousas* por este modo—pela desordem e pelo conflicto. Não conseguirá nada nem por este nem por outro meio, porque a maioria e o paiz não estão dispostos a tolerar-lhes a continuação das affrontas á ordem, á lei e á moralidade.

Ha entre o grupo serpaceo a maior desarmonia no que respeita á questão da companhia dos vinhos. A parte sensata d'aquelle grupo apoia o contracto e defende-o: a parte insofrida—arroios & C.ª combatem-o para lisongear as vaidades e para servir os interesses do commercio dos vinhos, no Porto, que promettem votos e que se compromettem a dal-os na primeira occasião. Ha de ser o que for e tudo se verá muito breve.

Não conte porém o paiz com o bom resultado, para a opposição, de taes esforços. Nada ha actualmente que possa fazer presumir sequer a mais leve modificação ministerial. O gabinete está forte e unido, tem a mais plena confiança da corôa e do parlamento, e não ha de tremer porque os interesses politicos e commerciaes de meia duzia de casas se opõem á sua existencia como governo—d'um governo que põe acima dos seus interesses—dos interesses d'essas casas—os mais caros interesses do paiz, interesses que se representam na sua industria agricola.

— Um collega nosso dando conhecimento aos seus leitores do que se passou na reunião da minoria em casa do sr. Serpa diz no seu numero de hontem o seguinte:

«*I Ferocci Romani.*

Houve hontem, como dissémos, reunião politica em casa do sr. Serpa, coitado! que lá vae pagando com chá e bolos os direitos de mercê da chefia. Apesar dos doces, os animos estiveram azedos. Dizem os jornaes regeneradores que *não se tractou de nenhum assumpto especial;* entretanto fallaram os srs. Serpa, 1, Pinheiro Chagas, 2, Hintze Ribeiro, 3, Lopo Vaz, 4, Arroyo, 5, Arouca, 6, Julio de Vilhena, 7, Margiochi, 8, Manuel d'Assumpção, 9, Visconde de Arriaga, 10, Pedro Victor, 11;—só menos um que os apostolos. Não tendo assumpto especial a tractar, todos estes oradores,—menos o sr. visconde d'Arriaga, que deve ter contado o caso *da preta*—limitaram-se a repetir o juramento de fazer—diz a *Gazeta de Portugal*—«guerra a todos os escandalos do governo, que são quasi todos os seus actos, mas guerra constante e sem transigencias nem accordos.» Gostamos de os ver assim: mas parece-nos estar a ouvir o sr. José Luciano a dizer-lhes na camara, muito risonho e senhor de si: E' sempre a mesma coisa: no principio da sessão, os senhores são uns dragões; mas depois caem em si e tornam-se uns... bellos rapazes!

E' apenas exacto o conceito do *Dia*, que é quem assim comenta o que ali se passou.

— Os srs. duques de Bragança partiram effectivamente ante-hontem para Sevilha, a passar alguns dias na opulenta propriedade de Villa Manrique, dos srs. condes de Paris. SS. AA. passam a noite de ámanhã n'aquella cidade, hospedando-se no palacio de San Telmo, e seguem na tarde de sabbado no comboyo do correio de Huelva para Villa Manrique. São acompanhados pelos srs. condes de Sabugosa e coronel Novaes Sequeira. Vae tambem o sr. conde d'Haussonville, que veiu d'ali expressamente para os acompanhar. SS. AA. sairam no comboio das 7 horas da noute em direcção a Badajoz. Foram no salão de luxo *sleeping-car* n.º 6 dos novos, ultimamente chegados de Paris, para a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, seguindo no mesmo até Sevilha, por accordo com os caminhos de ferro de Madrid-Zaragoza e Alicante.

— Sua Magestade El-rei tenciona assistir á festividade de Reis na Sé patriarchal, para o que já fez expedir pelo ministerio do reino o costumado aviso ás pessoas que é de uso acompanharem-n'o.

— Partem hoje para a sua casa de Anadia o sr. dr. Alexandre de Seabra e sua respeitavel esposa. Suas ex.as foram cumprimentados durante a sua estada aqui por tudo quanto ha de nobre em Lisboa.

— Chegou a Lisboa a possuidora da maior fortuna do paiz a sr.ª D. Antonia Adelaide Ferreira, que vem assistir ao casamento de sua neta, filha dos srs. condes d'Azambuja, com o sr. José Siqueira (S. Martinho), o qual se realisa no dia 7. São muito valiosos os presentes da avó á noiva.

— Para a mobilisação de 120:000 homens, que é o effectivo de guerra fixado pela organisação de 1884, precisa o nosso exercito de mais 246 officiaes e 1:813 sargentos na artilheria; na cavallaria de 100 officiaes e 480 sargentos; e na infanteria de 1:008 officiaes e 9:380 sargentos; ao todo 1:354 officiaes e 11:673 sargentos. Isto quando venha a mobilisar-se o nosso exercito, o que talvez não tenha nunca d'acontecer, e oxalá que nunca aconteça.

— Decretou-se que os escrivães dos inventarios teem direito de receber o emolumento de 300 reis, além de rasa e papel pela declaração em duplicado respectiva a cada inventario, que devem remetter ao agente do ministerio publico. Se a declaração não fôr remettida dentro do praso de trinta dias, contados da data da sentença, que julgar as partilhas, os escrivães do inventario perdem o direito áquella retribuição, além de incorrerem nas penas marcadas no art. 104.º do regulamento de contribuição de registo, de 31 de março de 1887. A importancia da retribuição devida por essas declarações será incluida nas folhas de quotas, que os escrivães de fazenda devem organisar conforme o artigo 126 do referido regulamento.

— O governo ganhou em todos os bairros da capital a eleição das secções que no dia 7 teem de se reunir para a eleição das commissões do recenseamento politico.

— O sr. Garcia Diniz, que não aceitou a conezia d'Evora para que havia sido despachado, partiu hontem para a Beira.

— O sr. Arcebispo de Mithylene, que está na sua casa de Paradella, é aqui esperado por estes dias, pois que estando a cargo de s. ex.ª os mais importantes negocios do patriarchado, a sua falta é sempre sensivel.

— E' ámanhã que se procede á experiencia da linha telephonica entre Lisboa e Porto. Em Lisboa presidirá á experiencia o sr. inspector geral dos telegraphos, e no Porto o chefe da estação do Pinheiro.

— A importancia da venda de tabacos pela administração da regie attingiu no mez de dezembro a importante quantia de 555:000$000. Nunca a importancia de tabaco n'um mez se elevou a esta verba. Prova isto o que ha-de e deve produzir a regie.

— O deputado pela Povoa de Varzim, sr. Santos Moreira, entregou ao sr. ministro da marinha uma representação da meza da Irmandade de Nossa Senhora da Assumpção, pedindo providencias contra o systema de pesca usado pelo vapor *Galgo*, do Porto. Esse barco usa apparelhos d'arrastar, apanhando assim toda a sorte de peixe, grande e pequeno, prejudicando os pescadores das costas do norte do paiz, que não dispõem de apparelhos tão poderosos. A camara da Povoa representou ha poucos dias no mesmo sentido e outros representarão tambem por que o caso é para isso.

—Verificaram-se os seguintes despachos de correios e telegraphos:

Adelino Lopes Carreira, chefe da estação de 4.ª classe em Alter do Chão, transferido, por conveniencia de serviço, para a estação de Fronteira.

João Diogo de Sequeira Azinhaes, chefe da estação de 4.ª classe em Fronteira, idem para a estação de Idanha a Nova.

Frederico do Carmo Vieira, chefe da estação de 4.ª classe em Idanha a Nova, idem para a de Alter do Chão.

— Effectuaram-se os seguintes despachos administrativos:

Bacharel João Bernardo de Moraes Cabral, exonerado de administrador do concelho de Valença, por ter sido nomeado conservador privativo do registo predial.

Bacharel José Antonio Pereira Brandão, nomeado para o referido logar.

Bacharel José Ildefonso Marques Mano, exonerado de administrador substituto de Coimbra, por ter sido nomeado professor do lyceu da Guarda.

— As ultimas noticias de Zambezia confirmam a victoria de Massangano e a derrota total dos *bongas*. Parece que os rebeldes perderam mais de 2:000 homens (com forças irregulares é natural que se não podesse evitar a *chacina* habitual dos vencidos) e os nossos apenas 50 homens. Quasi todos os chefes foram mortos ou ficaram prisioneiros e só dois conseguiram fugir, gravemente feridos. Façamos justiça até aos negros e ao rebeldes. A defeza de Massangano foi uma verdadeira epopêa de negros. Resistiram heroicamente.

Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

CRIADO

PRECISA-SE d'um para cocheira e que saiba guiar bem um carro. Fallar na rua de José Estevam, 95.

CAZA PARA ALUGAR

NA rua de Castro Mattoso, em frente do chafariz do Caes, aluga-se uma boa caza para familia e para negocio, pois que já ali esteve um botequim muito concorrido. Quem a pretender póde fallar com seu dono, Luiz Gonçalves Moreira, que vive na Barra, ou com o sr. José Pereira Junior, na rua da Costeira. E' a caza que faz esquina na viella de S. Braz, e que desemboca no largo em frente do Caes.

VENDA

VENDE-SE uma ou duas vaccas tourinas, dando leite, e que trabalham. Trata-se com I Ldefonso Soares de Lemos, d'Eixo.

EDITAL

O Escrivão de Fazenda do concelho de Aveiro, previne, pelo presente, os proprietarios, arrendatarios, usufructuarios, ou possuidores, por qualquer titulo, de predios urbanos, sujeitos a contribuição de renda de casas, de que devem entregar n'esta repartição de fazenda, até ao dia 31 do corrente mez, as declarações a que são obrigados, pelo artigo 22.º do regulamento de 8 de setembro de 1887.

Em quanto aos proprietarios, usufructuarios ou possuidores de predios urbanos, as suas declarações, devem conter:

1.º—O predio que arrendou, rua, local e freguezia em que está situado;

2.º—O numero de policia d'esse predio;

3.º—Se o predio é arrendado a um individuo, ou a diversos, e n'este caso, o nome de cada um dos inquilinos, a loja ou andar do predio que pelo inquilino foi tomado;

4.º—Quando começa e quando t[illegible] ...damento de todo o pre[illegible] ...ancia da rend[illegible] ...parte arrendad[illegible] [illegible] predio [illegible]

AVISO

CARDOSO & CARVALHO, proprietarios da Fabrica de Moagens a Vapor em Arada, fazem publico que na mesma Fabrica, além da moagem de qualquer cereal, se descasca arroz, sendo este crivado, limpo, e passado pelas ventoinhas, ao preço de 50 reis os 20 litros.

Garante-se a pefeição do trabalho.

Arada, 17 de dezembro de 1888.

Cardoso & Carvalho.

E APROVEITAR

CASA LEÃO D'OURO

121, Rua Ferreira Borges, 127

COIMBRA

CAPAS E BATINAS DE PANO PRETO

A 9$000!!!

O proprietario d'esta bem conhecida casa incumbe-se de as mandar fazer por aquelle preço e d'ahi para cima, para o que recebeu um magnifico sortimento de panos pretos.

Continua a responsabilisar-se pelo seu bom acabamento.

GARGANTA
VOZ e BOCCA
PASTILHAS de DETHAN
Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.
PREÇO: 600 REIS.
Exigir em o rotulo a firma
Adh DETHAN. Phco em PARIS.

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & F.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doenças, na alimentação das mulheres gravida, amas de leite, pessoas idosas, creanças [illegible]icos, e em geral nos debilitados de qual[illegible] seja a causa da debilidade. Acha[illegible] em todas as pharmacias de Por[illegible] estrangeiro. Deposito geral na [illegible] & Filhos, em Belem. Pa[illegible] correio 220 reis. Os [illegible] retrato do auctor, e [illegible] circulos amarellos, [illegible] em conformidade [illegible]3. [illegible]macia e Dro[illegible]or.

GRANDE BAIXA DE PREÇOS

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Acaba de fazer uma grande baixa de preços nas suas tão populares e acreditadas

MACHINAS PARA COSER

DEVIDO AO GRANDE AUGMENTO DE FABRICAÇÃO QUE TEM TIDO

Além das 5 fabricas que já possuia, estabeleceu ultimamente uma grande fabrica em Kilbowie e que todas reunidas fabricam para cima de

TRINTA MIL MACHINAS SEMANAES

Peçam o novo catalogo que se ha publicado

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

45-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

A PRESTAÇÕES

DE

500 RÉIS SEMANAES

A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

Chamamos a attenção para a nossa machina de

LANÇADEIRA OSCILLANTE

A melhor que tem apparecido até hoje.
Não tem rival.
E' a rainha das machinas.

As machinas SINGER são as que tem obtido os primeiros premios em todas as exposições.

GARANTIA SOLIDA E POSITIVA

COMPANHIA FABRIL SINGER

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

PAPIER WLINSI Remedio soberano para a cura rapida das *affecções do peito, catarrhos, males da garganta, bronchites, resfriamentos, defluxo, rheumatismos, dores, etc.;* 20 annos de maior successo attestam a efficacia d'este excellente derivativo, recommendado pelos primeiros medicos de Paris.

Deposito das pharmacias.—Em todas; Pariz, rue de Seine, 31.

200,000 Doentes curados de DEFLUXOS, TOSSE INSOMNIA, CRISES NERVOSAS PELO XAROPE do Dr FORGET Em todas as Pharmacias do Universo. Exija-se o endereço ao lado

36 Rue Vivienne CHABLE PARIS

300,000 Doentes curados de GONORRHÊA, FLORES brancas, PERDAS SEMINAES, DEBILIDADE, ESGOTAMENTO, etc., etc. PELO CITRATO DE FERRO CHARLE Em todas as boas Pharmacias. Exija-se o endereço ao lado.

ASPHALTO

MANUEL FERREIRA DA SILVA

Rua Nova de S. Domingos 97

PORTO

TEM grande deposito d'este generos já preparado ou por preparar e tambem o manda applicar nas obras, nas provincias, por ter os melhores applicadores d'este genero. Trata-se no Porto, ou em Aveiro com o sr. José Monteiro Telles dos Santos.

Largo da Cadeia

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS

LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, [illegible]ção e collocação tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, [illegible] a vapor, suas calderas, depositos para agua, bombas [illegible] veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, [illegible] e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas [illegible] [illegible]ido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 a 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e padrões de [illegible] les ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

BERNARDINO, FILHOS & RIBEIRO

NEGOCIANTES E IMPORTADORES DE MADEIRAS

Possuem o mais vasto sortimento d'este genero por preços sem competencia.

39 a 55, Rua Nova do Caes do Tojo, 39 a 55

POÇO DO BORRÁTEM, 15

NÃO HA MAIS DÔRES DE DENTES!

Por meio do emprego dos Elixir, Pó e Pasta dentifricios dos

RR. PP. BENEDICTINOS

da ABBADIA de SOULAC (Gironde)

DOM MAGUELONNE, Prior

2 Medalhas de Ouro: Bruxellas 1880 — Londres 1884

AS MAIS ELEVADAS RECOMPENSAS

INVENTADO NO ANNO 1373 Pelo Prior Pierre BOURSAUD

«O uso quotidiano do **Elixir Dentifricio** dos **RR. PP. Benedictinos**, com dose de algumas gottas com agua, previne e cura a carie dos dentes, embranquecendo, fortalecendo e tornando as gengivas perfeitamente sadias.

«Prestâmos um verdadeiro serviço, assignalando aos nossos leitores este antigo e utilissimo preparado, o **melhor curativo e o unico preservativo contra as Affecções dentarias.**»

Casa fundada em 1807 SEGUIN [illegible] rue Croix-de-Seguey BORDEOS. Agente Geral:

Deposito em todas as boas Perfumarias, Pharmacias e Droguerias.

Em *Lisboa*, em casa de R. Bergeyre, rua do Ouro, 100, 1º.

FERRO DE QUEVENNE

E o ferro no estado puro e, desde 50 annos, reconhecido pelos Medicos do Mundo inteiro, o mais poderoso dos ferruginosos para curar: ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS BRANCAS, DORES de ESTOMAGO, etc... Eis porque é uma das raras preparações approvadas pela

ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS.

DESCONFIE-SE das IMITAÇÕES e FALSIFICAÇÕES impuras, inactivas, desleaes, vendidas barato. EXIGIR, ALEM DA ASSIGNATURA DE *Quevenne*, O SELLO DA "*Union des Fabricants.*"

Vende-se: 1º em *Pó*; 2º em *Grageas.*

Deposito Geral do Verdadeiro FERRO de QUEVENNE *(transferido desde o dia 2 de fevereiro de 1888)*: 8, Rue du Conservatoire, PARIS.

LIVRARIA DE MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

Almanach Illustrado do Occidente para 1889	200
Dito Illustrado por F. Pastor	200
Novo Almanach de Lembranças, Luso Brasileiro, para o anno de 1889.	
Cartonado	320
Brochado	240
Codigo Commercial, approvado por carta de lei de 28 de junho de 1888 e seu reportorio alphabetico, encadernado	360
Brochado	240
ALBERTO PIMENTEL	
Atravez do passado	500
GUIOMAR TORRESÃO	
Almanach das Senhoras, para 1889	240

HISTORIA DO MUNICIPALISMO EM PORTUGAL

Estão publicados e acham-se em distribuição os primeiros fasciculos d'esta importante obra, que é a verdadeira historia nacional, porque assignala a parte que tiveram na constituição do estado os homens bons dos municipios, que collaboraram de maneira importante na grande operação da independencia, auxiliando as conquistas dos primeiros monarchas, as luctas em defeza da autonomia durante a segunda e quarta dynastia, as descobertas e navegações dos seculos XV e XVI, e que tanto padeceram sob o dominio e invasões estrangeiras.

Collaboram n'este trabalho monumental escriptores distinctos, o que ainda lhe augmenta a importancia.

A parte narrativa é reforçada com a transcripção de documentos, como os foraes, que são publicados na integra, na linguagem primitiva acompanhada da traducção, cartas régias, e provisões e outros, desentranhados do pó dos archivos, alguns dos quaes veem a luz publica pela primeira vez.

N preço é relativamente modicissimo por que mediante o dispendio de 1$500 réis por anno, o assignante recebe 50 fasciculos de 16 paginas cada um, equivalente a um grosso volume de 800 paginas.

Recebem-se assignaturas na séde da *Bibliotheca historica portugueza*—Lisboa rua de S. Bento 200—onde devem ser dirigidas todas as requisições. Quem se responsabilisar por 5 assignaturas tem direito a um exemplar gratis ou 20 p. c. das quantias cobradas. A obra depois de publicada augmentará de pre[illegible]

GRAMMATICA INGLEZA

POR JACOB BENSABAT

Para uso dos lyceus

No *Diario do Governo*, de 12 do corrente, vem uma rectificação á lista dos compendios approvados para os lyceus, pela qual se corrige o equivoco que se deu na publicação da referida lista em que fôra publicado o titulo de *Methodo grammatical* por Bensabat, em vez do verdadeiro titulo do livro, que é *Grammatica ingleza, theorica e pratica*, por Jacob Bensabat.

Corrigido d'esta forma officialmente no *Diario* o equivoco, vê-se que a *Grammatica ingleza*, por Bensabat, um dos melhores trabalhos d'este auctor, faz parte dos livros approvados para o ensino do inglez nos lyceus.—Porto, 15 de novembro de 1888.

AS MULHERES DOS AMIGOS

2 volumes illustrados 600 reis

CAPITULOS

Um canalha—Um fiasco—Por causa d'uma piuga—Sonho e realidade—Ir buscar lã—A cerveja ingleza—Margot—Monotania do insulto—O filho—A sogra em acção—Effeitos das dimensões—Um discipulo de Niniche.

Vende-se na Rua d'Atalaya, 18, Lisboa.

RAMALHO ORTIGÃO

JOHN BULL

depoimento d'uma testemunha ácerca de alguns aspectos da vida e da civilisação ingleza

1 vol. 600 reis, pelo correio 630 reis

A' venda na livraria Chardron de Lugan & Genelioux, successores, Clerigos, 89—Porto.

BAPTISTA DINIZ

OS GAGOS

Comedia n'um acto para 4 homens e 1 senhora.

Preço ... 120 réis

Pedidos ao auctor em PORTALEGRE

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO